



## SP—ARTE

Estande - C01

**03 - 07 DE ABRIL 2024**

03 de Abril, convidados

04-05 de Abril, 13h-20h

06-07 de Abril, 11h-19h

**PAVILHÃO DA BIENAL**

Parque Ibirapuera, portão 3

São Paulo - SP

## A GALERIA FRENTE

Galeria Frente é uma das principais galerias especializadas no mercado secundário de arte moderna e contemporânea brasileira. Fundada por James Acacio Lisboa em 2015, possui 8 anos de existência, desde sua abertura, tem consistentemente fomentado um programa de exposições criterioso, comprometido em apresentar o melhor da arte brasileira, localizada em um dos bairros mais charmosos de São Paulo, Cerqueira César.

Em seu currículo de exposições já apresentou: Mira Schendel, 2015; Antonio Maluf e Hércules Barsotti, 2016; Frans Krajcberg, 2017; Iberê Camargo e Francisco Stockinger, 2018; Gilberto Salvador, 2021; Igor Rodrigues, 2022 e Candido Portinari, 2023. Atualmente estamos com a exposição: "A Realidade Máxima das Coisas", mostra coletiva dedicada a importante presença nipo-brasileira na arte nacional, em cartaz até 01 de junho de 2024 na sede da galeria, em São Paulo na Rua Melo Alves, 400.

A Galeria Frente tem como missão facilitar e favorecer o colecionismo de arte no Brasil, por meio da comercialização de arte moderna e contemporânea, nacional e internacional. Possuímos em nosso acervo obras dos principais artistas brasileiros modernos e contemporâneos como: Abraham Palatnik, Alberto da Veiga Guignard, Alfredo Volpi, Amilcar de Castro, Anita Malfatti, Antonio Bandeira, Beatriz Milhazes, Candido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti, Frans Krajcberg, Genaro de Carvalho, Hercules Barsotti, José Leonilson, Manabu Mabe, Mira Schendel, Tarsila do Amaral, Tomie Ohtake, Vik Muniz, Willys de Castro entre outros.

ACESSE NOSSO SITE E CONFIRA  
[www.galeriafrente.com.br](http://www.galeriafrente.com.br)

# GALERIA FRENTE NA SP—ARTE

A Galeria Frente vem marcando presença, tendo participado de 8 edições da SP Arte -Festival Internacional de Arte de São Paulo, desde 2016. Estamos agora realizando o nosso 9º ano consecutivo, nesta 20ª edição do evento.

Nesta edição o recorte curatorial apresentará uma seleção primorosa do acervo da Galeria com os principais nomes da Arte Moderna e Contemporânea brasileira, tais como: Abraham Palatnik, Adriana Varejão, Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Anna Maria Maiolino, Antonio Dias, Beatriz Milhazes, Burle Marx, Candido Portinari, Di Cavalcanti, Eleonore Koch, Ernesto Neto, Flávio de Carvalho, Genaro de Carvalho, Ismael Nery, José Antônio da Silva, José Leonilson, León Ferrari, Manabu Mabe, Megumi Yuasa, Milton Dacosta, Mira Schendel, Mirian Inês da Silva, Paulo Roberto Leal, Sérgio Camargo, Siron Franco, Tunga, Victor Brecheret, Wesley Duke Lee.

Outro grande diferencial desta seleção são obras dos artistas nipo-brasileiros Manabu Mabe e Megumi Yuasa, que dialogam com a exposição: "A Realidade Máxima das Coisas" que está em cartaz na nossa sede durante todo o período da SP Arte. Com isso pretendemos que o público que visite o stand na feira também possa ir à galeria, neste deslocamento, desfrutar de duas experiências distintas, parte da exposição podendo ser vista durante a feira e outra parte no próprio espaço da Galeria.

AGUARDAMOS POR SUA PRESENÇA!





## ABRAHAM PALATNIK

Abraham Palatnik (Natal, Rio Grande do Norte, 1928 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020). Artista cinético, pintor, desenhista. Considerado um dos pioneiros da chamada arte cinética no Brasil, expande os caminhos das artes visuais ao relacionar arte, ciência e tecnologia. De modo criativo, e ao longo de seus mais de 60 anos de carreira, desenvolve maquinários com experimentações artísticas e estéticas diversas. Ao criar composições que partem da cor, mas ultrapassam o limite da pintura, o artista é consagrado pioneiro em explorar as conquistas tecnológicas na criação de vanguarda brasileira, habilitando as máquinas para gerar obras de arte.



Abraham Palatnik - Foto: Marcos Ramos / Agência O Globo



**ABRAHAM PALATNIK**  
*Progressão, 1967*  
jacarandá  
40 x 30 cm  
assinatura no verso



**ABRAHAM PALATNIK**

*Sem Título, 1988*

tinta a duco sobre duratex

37,5 x 37,5 cm

assinatura inf. esq.

Participou da exposição: "Abraham Palatnik",  
Galeria Nara Roesler, São Paulo, 2012.



**ABRAHAM PALATNIK**

*Sem Título, 1988*

tinta a duco sobre duratex

37,5 x 37,5 cm

assinatura inf. esq.

Participou da exposição: "Abraham Palatnik",  
Galeria Nara Roesler, São Paulo, 2012.





**ABRAHAM PALATNIK**

*Progressão C-11, 1999*

óleo e barbante sobre tela colada em madeira

100 x 150 cm

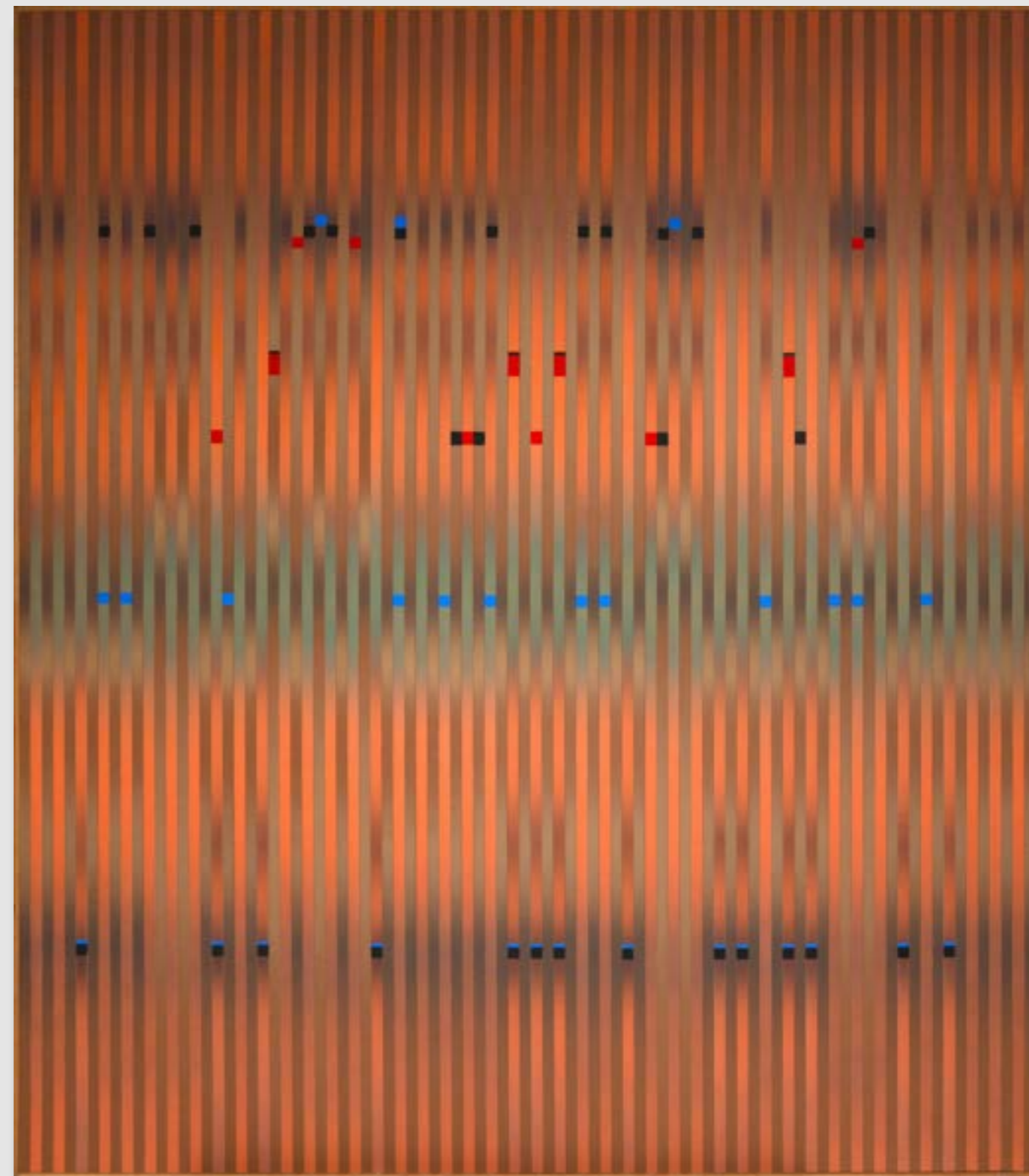
assinatura no verso



**ABRAHAM PALATNIK**

*Objeto Cinético, 1999*

madeira, fórmica, engrenagens, motor, hastes  
de metal e tinta acrílica  
82,2 x 25,2 x 14 cm



**ABRAHAM PALATNIK**

*T9, 2004*

acrílica sobre tela  
120 x 105 cm  
assinatura no verso





## ADRIANA VAREJÃO

Adriana Varejão (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1964). A pintura constitui o campo maior de sua produção, incorporando elementos de outras linguagens, como a escultura. Mesclando elementos barrocos em diálogo com a arte contemporânea, Adriana Varejão cria pinturas e instalações que questionam as relações sociais construídas em um passado colonial. Em suas obras, os materiais estão ligados simbolicamente à história cultural brasileira. Ingressa na faculdade de engenharia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) em 1981, mas a abandona no ano seguinte. A partir de 1983, faz cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV/Parque Lage), no Rio de Janeiro, e aluga ateliê no bairro do Horto com outros estudantes. A obra de Adriana Varejão toma impulso com a pintura figurativa e gestual dos anos 1980. Em 1986, recebe o Prêmio Aquisição do 9º Salão Nacional de Artes Plásticas, promovido pela Fundação Nacional de Artes (Funarte/RJ).

Ao conhecer a cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, o repertório barroco passa a marcar suas criações. A narrativa, a mescla de linguagens bi e tridimensionais e a exuberância material das obras dialogam com a visualidade barroca, em busca de uma experiência estética totalizante. Suas pinturas são influenciadas também pelo barroco cubano e pela filosofia chinesa.

Varejão apropria-se de imagens como signos de acesso, fornecendo-lhes um significado amplo. Tal como as incisões em sua pintura, a iconografia colonial surge como irrupção anacrônica. Mas a escolha dos signos é sempre permeada pelas relações que estes estabelecem com a contemporaneidade.

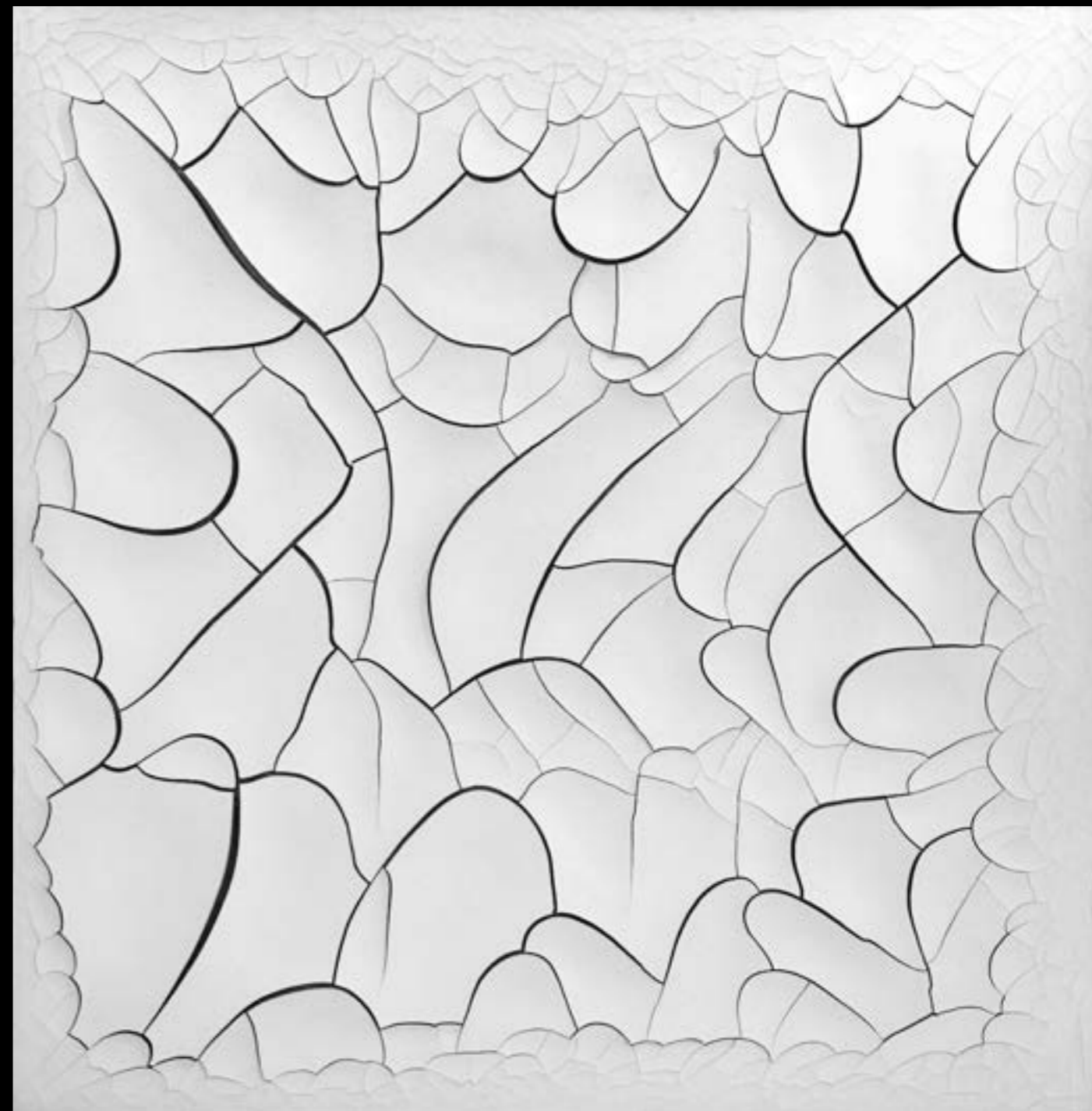
A produção de Adriana Varejão expõe a violência nos processos de assimilação cultural. Questiona ainda a superfície pictórica, o papel simbólico da imagem e a maleabilidade de seus signos.

Varejão constrói obras com diferentes camadas de materiais e significados. Por meio de símbolos que remetem à colonização e à evangelização católica, a artista questiona em suas obras como um passado de dominação ainda reverbera na contemporaneidade brasileira.





Adriana Varejão - Foto: Vicente de Mello



**ADRIANA VAREJÃO**  
*Sem Título, 2015*  
óleo e gesso sobre tela  
150 x 150 cm





## ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD

Alberto da Veiga Guignard (Nova Friburgo, Rio de Janeiro, 1896 - Belo Horizonte, Minas Gerais, 1962). Guignard consolida-se como um dos mais renomados pintores do modernismo brasileiro do século XX e torna-se influência para outros artistas no país. Reinventa-se em sua produção artística, retratando tanto a paisagem quanto a sociedade brasileira e seu imaginário religioso. Dedicou-se a vários gêneros da pintura, como retrato, autorretrato, paisagem, natureza-morta, flor, pinturas de gênero e temática religiosa, muitas vezes tratando de dois ou mais gêneros na mesma tela, quase sempre de caráter fantástico, que trazem uma paisagem ao fundo.

A pintura de Guignard tem um caráter decorativo acentuado, presente nos retratos, nos arranjos florais, nas estampas das roupas e em toda ornamentação em torno dos modelos femininos, repleta de arabescos e outros motivos. Há ainda traços da nova objetividade – movimento alemão que transpõe os limites do real, buscando impregná-lo de poesia –, aproximando-a, pelo tema tratado, da produção do pintor francês Henri Rousseau (1844-1910), especialmente na fase denominada lirismo nacionalista. Os retratos, considerados por alguns críticos a vertente mais fértil de sua obra, constituem a maior parte de sua produção e trazem pessoas de sua família, amigos ou filhos de amigos, intelectuais, artistas e autorretratos. Estão presentes também representações de Cristo e seu martírio, e de outras figuras religiosas.

Na década de 1960, pinta ainda paisagens imaginárias em que sua palheta volta-se para um cinza esbranquiçado e tudo parece estar em suspensão, sem solo ou pontos de apoio firmes. Não há caminhos, acidentes geográficos, nem distâncias, há apenas um mundo nublado e tristonho.





Alberto da Veiga Guignard - Foto: Luiz Alfredo / O Cruzeiro



**ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD**

*Paisagem Ouro Preto, 1958*

óleo sobre madeira

42 x 50 cm

assinatura inf. dir.

Reproduzido no livro "Alberto da Veiga Guignard, 1896 - 1962", Pinakothek, 2005, na pág. 160.



## ALFREDO VOLPI

Alfredo Volpi (Lucca, Itália 1896 – São Paulo, São Paulo, 1988). Foi um pintor ítalo-brasileiro considerado um dos mais destacados pintores da Segunda Geração da Arte Moderna Brasileira. Suas pinturas são caracterizadas por casarios e bandeirinhas coloridas. Com uma trajetória singular e passagem por distintas vertentes da pintura, Volpi destaca-se por suas paisagens, temas populares e religiosos, como a série de bandeirinhas de festa junina.

Em 1897, chega ao Brasil com pouco mais de um ano e instala-se com a família no Cambuci, tradicional bairro de São Paulo. Estuda na Escola Profissional Masculina do Brás e, na juventude, trabalha como marceneiro, entalhador e encadernador. Em 1911, inicia a carreira como aprendiz de decorador de parede, pintando frisos, florões e painéis de residências. Na mesma época começa a pintar sobre madeira e tela.

Participa pela primeira vez de uma exposição coletiva no Palácio das Indústrias de São Paulo, em 1925, momento em que privilegia retratos e paisagens. Por causa da grande sensibilidade na representação da luz e da sutileza no uso das cores, é comparado aos impressionistas. Outras obras da década de 1920, no entanto, contam com traços que remetem a composições românticas.

Premiado em várias oportunidades, como o de melhor pintor brasileiro na II Bienal de São Paulo (1953), esteve na Bienal de Veneza (1952, 1954, 1962 e 1964), e integrou importantes exposições em cidades como Tóquio, Paris, Buenos Aires, Roma e Nova York. Em seu aniversário de 90 anos, o MAM-SP fez a exposição Volpi 90 Anos. Morreu em São Paulo e (1993) e a Pinacoteca do Estado de São Paulo expõe Volpi - projetos e estudos em retrospectiva, Décadas de 40-70.







**ALFREDO VOLPI**

*Sem Título, 1960*

têmpera sobre tela

73,2 x 146,5 x 2,5 cm

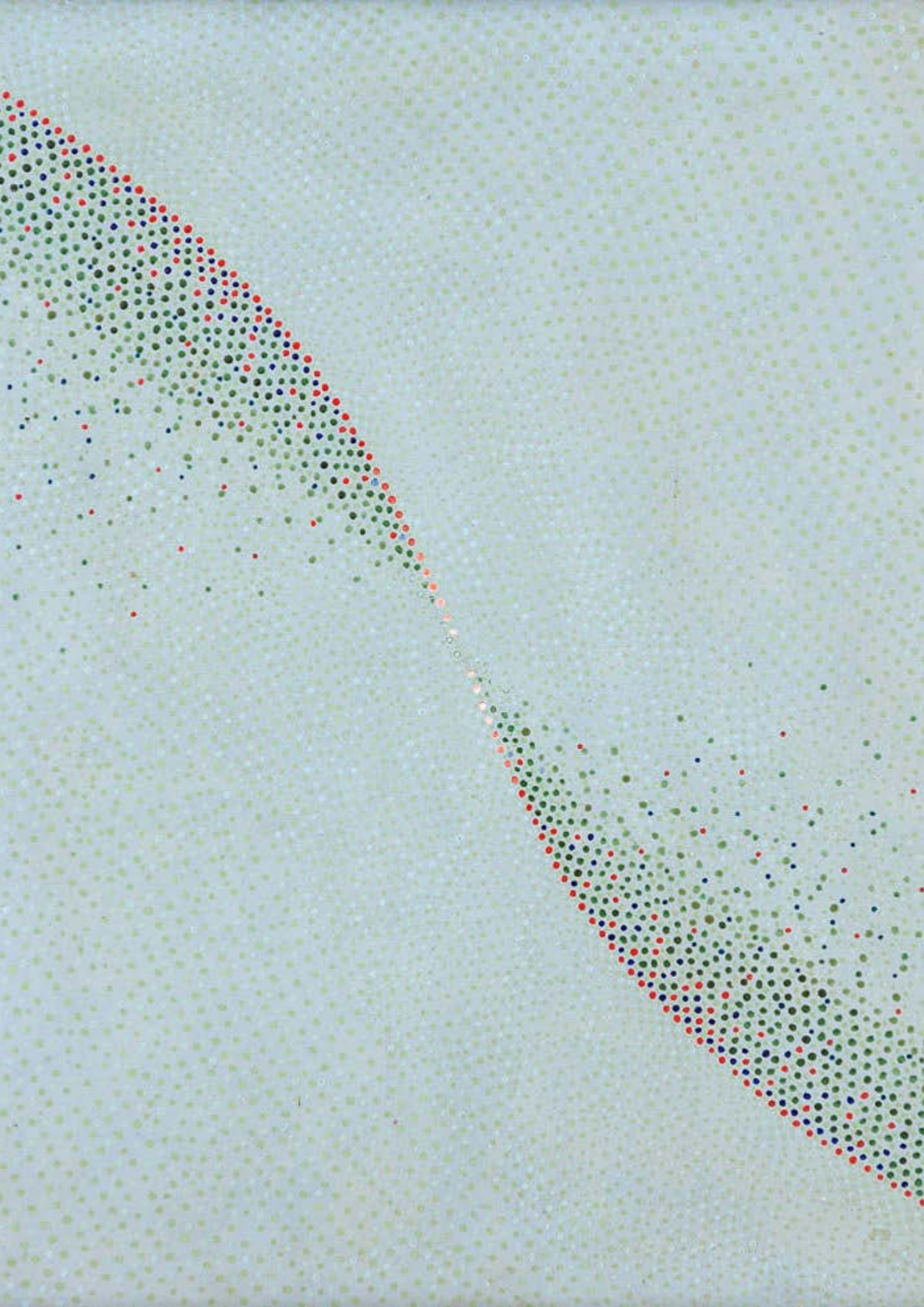
assinatura no verso

Registrada ACOAV 1501 no Alfredo Volpi- Catálogo de Obras 2015. Edição Comemorativa do Centenário da 1ª pintura, São Paulo: Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna, 2015. pág.254.

Exposições: "Volpi. Galeria de Arte Ipanema", Rio de Janeiro, 2003.

Individual. Reproduzido no catálogo. "Arte e Ousadia - o Brasil na Coleção Sattamini", MASP, São Paulo, 2007. Coletiva.





## ALUÍSIO CARVÃO

Aluísio Carvão (Belém, Pará, 1920 – Poços de Caldas, Minas Gerais, 2001). As cores assumem força expressiva na obra de Aluísio Carvão, que também pesquisa as potencialidades das formas geométricas. Em 1949 é contemplado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) com uma bolsa destinada a professores de artes e se muda para o Rio de Janeiro. Em 1952, ingressa no curso livre de pintura de Ivan Serpa (1923-1973), no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). De 1953 a 1956, faz parte do Grupo Frente e participa das principais exposições coletivas ligadas ao concretismo brasileiro. Em 1959, assina o Manifesto neoconcreto, escrito por Ferreira Gullar (1930-2016), com artistas como Amilcar de Castro (1920-2002), Franz Weissmann (1911-2005) e Lygia Clark (1920-1988).

A adesão ao neoconcretismo leva o artista a abandonar as estruturas formais geométricas em favor de uma construção que se faz diretamente com a cor, em telas que suspendem a diferenciação entre forma, cor e fundo.

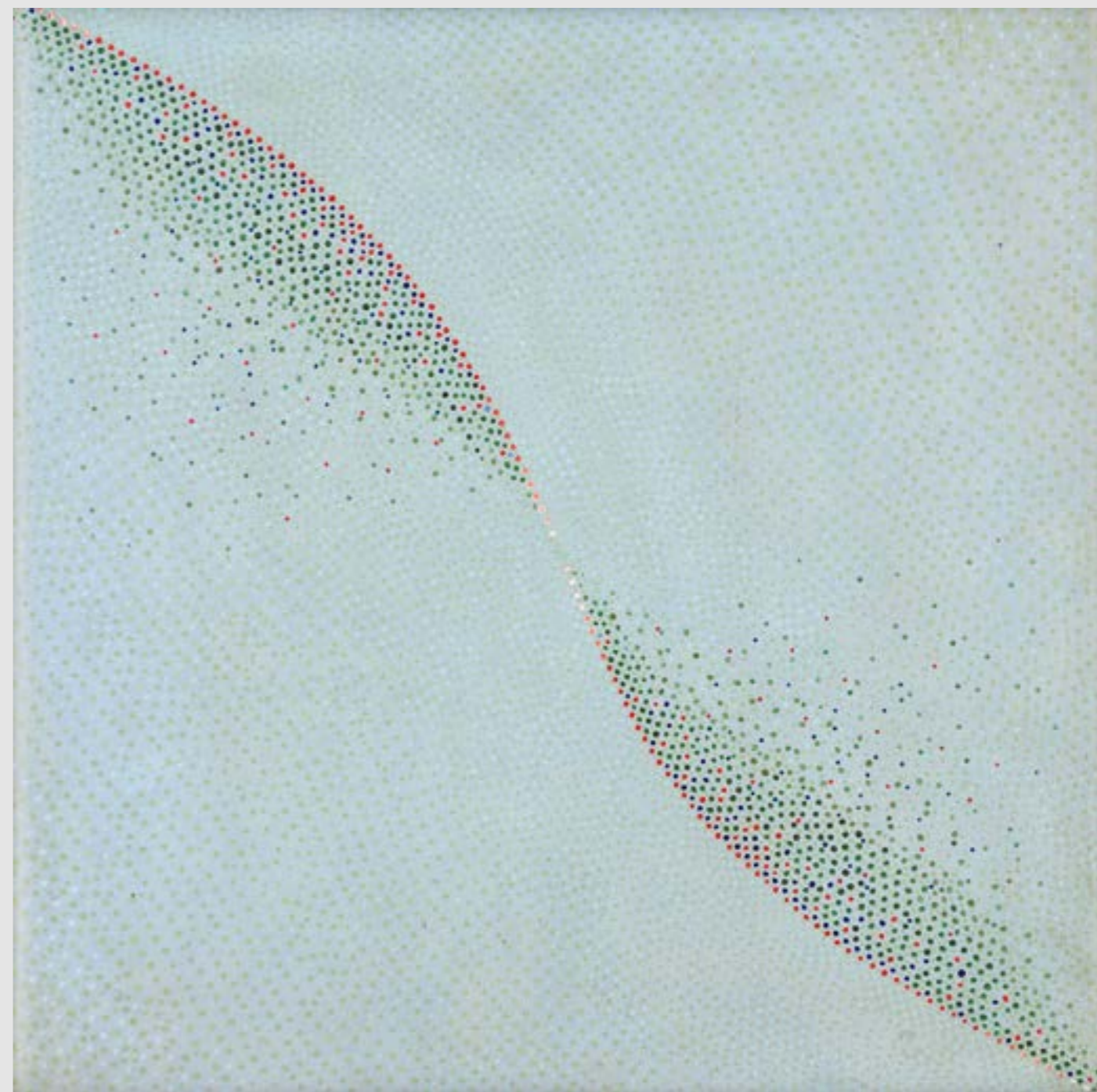
Em 1960, participa da mostra *Konkrete Kunst*, em Zurique (Suíça), e da Exposição de Arte Neoconcreta, em Munique (Alemanha). É contemplado no Salão Nacional de Arte Moderna com o prêmio de viagem ao exterior. Como artista visitante, ingressa na Hochschule für Gestaltung (HfG), na cidade alemã de Ulm. Depois da estadia na Europa, volta para o Rio de Janeiro em 1963 e intensifica sua atuação como professor, ministrando cursos no MAM do Rio de Janeiro e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV/Parque Lage).

Importante figura do concretismo e do neoconcretismo, Aluísio Carvão explora as nuances cromáticas e os contornos formais com ousadia, a ponto de jogar com dimensões espaciais. Dialogando eventualmente com abordagem figurativa, constrói um estilo alusivo e inventivo.





Alúcio Carvão - Foto: Arquivo Nacional



**ALÚCIO CARVÃO**

*Sem Título, 1950*

óleo sobre placa  
40 x 40 cm

Reproduzido no livro  
"Carvão" na pág. 51.





## AMILCAR DE CASTRO

Amilcar de Castro (Paraisópolis, Minas Gerais, 1920 – Belo Horizonte, Minas Gerais, 2002).

Um dos principais artistas plásticos brasileiros do século XX, Amilcar de Castro promoveu inflexões radicais e inovadoras no campo da escultura e da geometria, tornando-se referência incontestável para essa forma de expressão artística, tanto no Brasil quanto no mundo.

Muda-se com a família para Belo Horizonte em 1935 e estuda na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entre 1941 e 1945. A partir de 1944, frequenta a Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, onde participa curso livre de desenho e pintura com Guignard (1896-1962). Com o professor, aprende a usar o lápis duro, o que exige firmeza no traço. Estuda escultura figurativa com Franz Weissmann (1911-2005). No fim da década de 1940, assume alguns cargos públicos, que logo abandona, assim como a carreira de advogado.

Artisticamente, dá-se a passagem do desenho para a tridimensionalidade. Em 1952, muda-se para o Rio de Janeiro e trabalha como diagramador em diversos periódicos, com destaque para a reforma gráfica realizada no Jornal do Brasil. Depois de entrar em contato com a obra do artista suíço Max Bill (1908-1994), realiza sua primeira escultura construtiva, exposta na 2ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1953. Participa de exposições do grupo concretista, no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1956, e assina o Manifesto neoconcreto em 1959.

Em sua escultura, em vez de adicionar ou subtrair matéria, parte de um plano (circular, retangular, quadrado etc.) que é cortado e dobrado, formando um objeto tridimensional articulado por intenso diálogo com o espaço. Sem fragmentar a matéria, a separação provocada pelos cortes e dobras mantém a unidade interna da escultura. A ausência da solda, o que lhe daria um caráter artificial, e a resistência do ferro à ação do homem, devido à espessura das placas, convivem com a presença do tempo que o encardido da ferrugem explicita. Se os concretistas, sobretudo Max Bill, partem de uma ideia e sublimam a matéria de que é feita a escultura, Amilcar de Castro mantém sua ligação com o solo e com a natureza.

Há muito tempo fora da base, suas obras se estendem horizontalmente no solo e dialogam com a paisagem. Num percurso de cerca de cinco décadas, Amilcar de Castro experimenta infinitas possibilidades do plano. Resistente ao excesso de racionalismo, suas dobras tornam a geometria maleável e mais humana.





**AMILCAR DE CASTRO**  
**CDR-01, 1978**  
escultura de corte e dobra redonda  
25 x 22 x 13 cm

Certificado nº CA 001.724.



## ANNA MARIA MAIOLINO

Anna Maria Maiolino (Scalea, Itália, 1942). Gravadora, pintora, escultora, artista multimídia e desenhista. Por meio de uma obra com viés político e provocadora, Maiolino investiga diferentes materiais e explora diversos meios de expressão, como a xilogravura, a fotografia, o filme, a instalação e a performance. A obra de Anna Maria Maiolino no campo das artes visuais aborda temas políticos, urbanos, cotidianos e referentes ao papel da mulher. A atuação em variadas formas de expressão promove uma investigação sobre o próprio processo do fazer artístico.

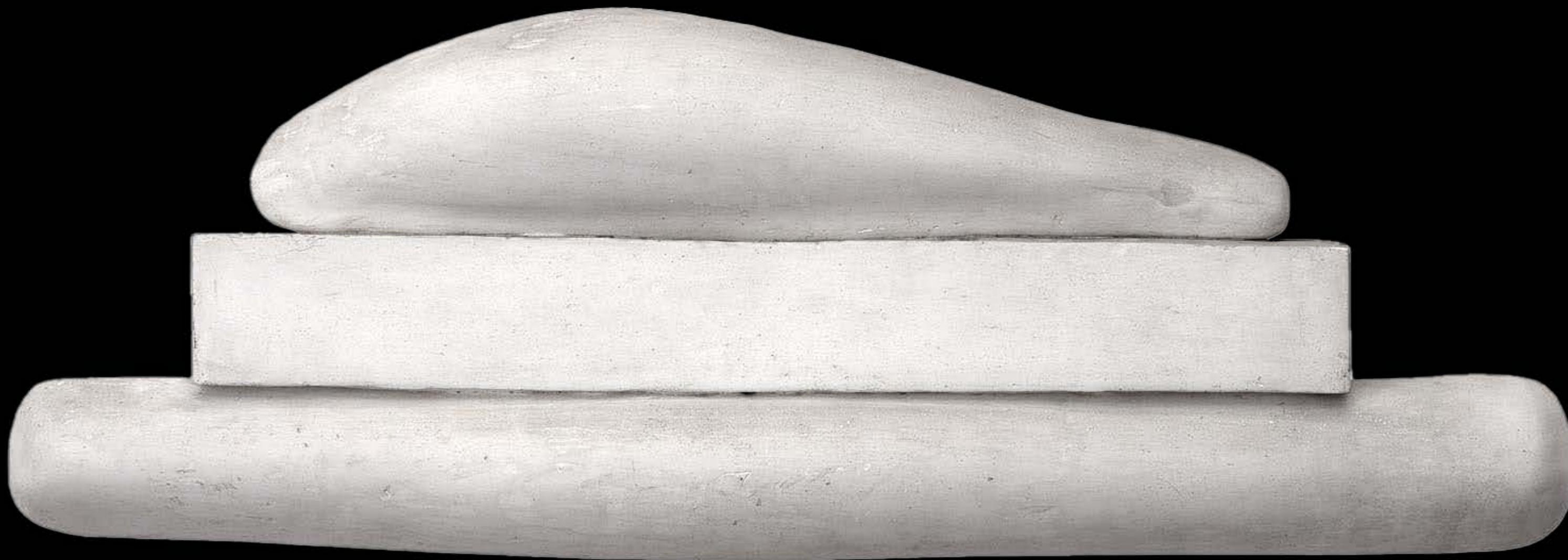
Em 1954, devido à escassez provocada pelo pós-guerra na Itália, muda-se para Caracas, Venezuela, onde estuda na Escuela de Artes Plásticas Cristóbal Rojas entre 1958 e 1960, ano em que se transfere para o Brasil. Em 1961, inicia o curso de gravura em madeira na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), no Rio de Janeiro. Apesar da origem italiana, a formação artística de Maiolino é sobretudo latino-americana.

Em 1968, muda-se para os Estados Unidos, onde permanece por cerca de três anos e estuda no Pratt Graphic Center, em Nova York. Na década de 1970, ao voltar para o Brasil, começa a trabalhar com diversas mídias, como a fotografia e o filme. Aos poucos, Maiolino concentra-se no aspecto manual do fazer artístico e passa a usar quase exclusivamente a argila. Elabora projetos com grande quantidade desse material, em que a repetição do gesto e seu registro na matéria assinalam enorme concentração de energia.

Em 2002, realiza em Nova York uma exposição retrospectiva acompanhada do livro *A Life Line/Vida Afora*. Em 2008, participa da 16ª Bienal de Sydney, Austrália, e, em 2012, apresenta na Documenta 13, em Kassel, Alemanha, a instalação *Here & There*, trabalho oriundo de montagens anteriores de *Terra*







**ANNA MARIA MAIOLINO**  
*São Três, 1990*  
escultura em gesso moldado  
30 x 78 x 10 cm  
assinatura no verso

Participou da exposição: "MULHERIO",  
Galeria Danielian, Rio de Janeiro, 2022.





Antonio Dias

## ANTONIO DIAS

Antonio Dias (Campina Grande, Paraíba, 1944 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018).

É um dos representantes da geração de artistas brasileiros que, na década de 1960, rompe com a pintura modernista figurativa e nacionalista para produzir uma nova estética inspirada na cultura de massa. Levando os conceitos de experimentação e liberdade ao limite, a obra de Antonio Dias desafia as categorias artísticas tradicionais ao explorar técnicas, materiais e conceitos que resultam em uma produção dinâmica e diversificada.



Depois de participar da 4ª Bienal de Paris, também em 1965, Antonio Dias recebe uma bolsa de estudos do governo francês e inicia um período de autoexílio em diversos países da Europa, o que coincide com uma transformação em suas obras. Diferentemente da produção anterior, marcada pela estética da pop art e pelo engajamento político, suas obras passam a ter um caráter minimalista, incorporando poucas imagens e algumas palavras, como na tela *Anywhere Is My Land* (1968).

Nela, o artista sobrepõe a organização rígida de uma grade quadriculada à imensidão aparentemente desorganizada da galáxia, sugerindo que qualquer lugar (*anywhere*) pode ser sua terra (*my land*).

Em 1992, torna-se professor da International Summer Academy of Fine Arts, em Salzburgo, Áustria. No ano seguinte, leciona na State Academy of Fine Arts, em Karlsruhe, Alemanha, e, em 1997, no programa de pós-graduação dos Ateliers Arnhem, na Holanda. Em 2010, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde prossegue com intensa produção. Dedicar-se à pintura, priorizando texturas, em vez de pinceladas, bem como planos de diferentes cores e tamanhos, deixando de lado a figuração de suas obras iniciais.

Antonio Dias, com sua constante inquietação artística, produz um acervo plural, que não só conta a história da arte de um Brasil recém-modernizado, como também faz parte de sua construção. Ao questionar tradições e promover rupturas, revela novas formas de pensar a arte e se eterniza como um dos grandes pintores brasileiros do século XX.





**ANTONIO DIAS**

*Hungry*

acrílica sobre papel cartão

40 x 60 cm

assinatura inf. esq.



## ANTONIO MALUF

Antônio Maluf (São Paulo, São Paulo, 1926 - idem 2005). Antônio Maluf estuda na Escola Livre de Artes Plásticas, em São Paulo, na década de 1940, e também cursa pintura nos ateliês de Waldemar da Costa (1904 - 1982) e Flexor (1907 - 1971). Em 1951, matricula-se no primeiro curso de desenho industrial da América Latina, no Instituto de Arte Contemporânea - IAC do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp. Entre os colegas do IAC, encontram-se futuros grandes designers e artistas concretos brasileiros como Alexandre Wollner (1928) e Maurício Nogueira Lima (1930 - 1999).

Maluf segue uma trajetória singular, pois apesar de adotar a linguagem construtiva, compartilhada por vários artistas a partir da década de 1950, não se vincula a nenhum grupo.

Elabora, em 1951, um de seus primeiros trabalhos concretos, Equação dos Desenvolvimentos em Progressões Crescentes e Decrescentes, que é adaptado para participar do concurso de cartazes da 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Ele vence o concurso e seu trabalho é considerado um marco no design gráfico brasileiro. O cartaz traz retângulos que se adensam, à medida em que são reduzidos, em direção ao centro do papel. Apresenta assim uma vibração ótica resultante da sugestão de movimento criada pelas linhas paralelas. Já nas séries Progressões Crescentes e Decrescentes, o artista cria um ritmo que parece se ampliar ao infinito, pela repetição de uma mesma estrutura geométrica. Maluf utiliza variados suportes, dedicando-se a pinturas murais em azulejos e estampas para tecidos, sempre norteados por sua visão da arte concreta.

A tendência construtiva caracteriza sua trajetória como artista e suas atividades de designer e programador visual. Com seus trabalhos, colabora para a transformação da identidade visual da cidade de São Paulo, integrando a arte às atividades relacionadas ao cotidiano da população.

Antonio Maluf







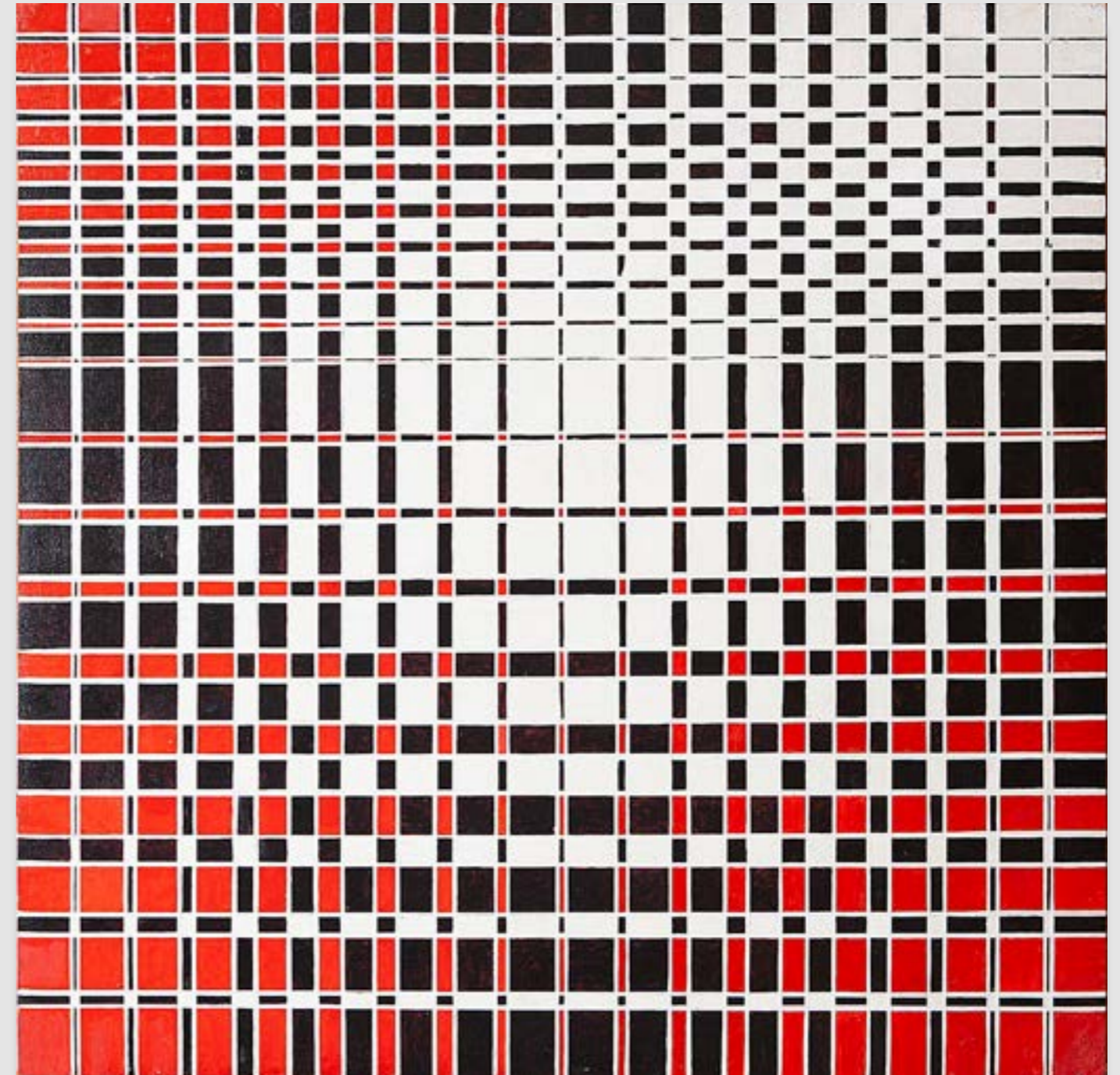
**ANTONIO MALUF**

*Sem Título, déc. 50*

guache sobre cartão colado em madeira

44 x 44 x 3 cm

Participou da exposição "Antonio Maluf, construções de uma equação", na Galeria Frente, São Paulo, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 50.



**ANTONIO MALUF**

*Sem Título*

acrílica sobre madeira

60 x 60 cm





## BEATRIZ MILHAZES

Beatriz Milhazes (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1960). Cursa a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV/Parque Lage), em 1983, no Rio de Janeiro. Atua como professora de pintura até 1996, na mesma instituição. As obras criadas por Beatriz Milhazes na década de 1980 revelam uma tensão entre figura e fundo, entre representação e ornamentalismo, com o uso de figuras que se repetem, arabescos, flores e colunas. Explora diferentes técnicas e materiais, experimentando as potencialidades da escultura. Sua obra se caracteriza pelo uso da cor, de estruturas geométricas, arabescos, florais e motivos ornamentais para criar composições de intenso dinamismo óptico. A colagem é parte importante da construção de suas imagens e aparece com o uso de materiais diversos, como papéis (de bala, coloridos) e tecidos recortados (chitão). Com experimentação em monotipia, Milhazes desenvolve sua técnica de construção da pintura baseada na colagem, criando os motivos em filmes plásticos e transferindo-os para a tela quando secos. A artista pode então criar os próprios elementos a serem usados nas pinturas.

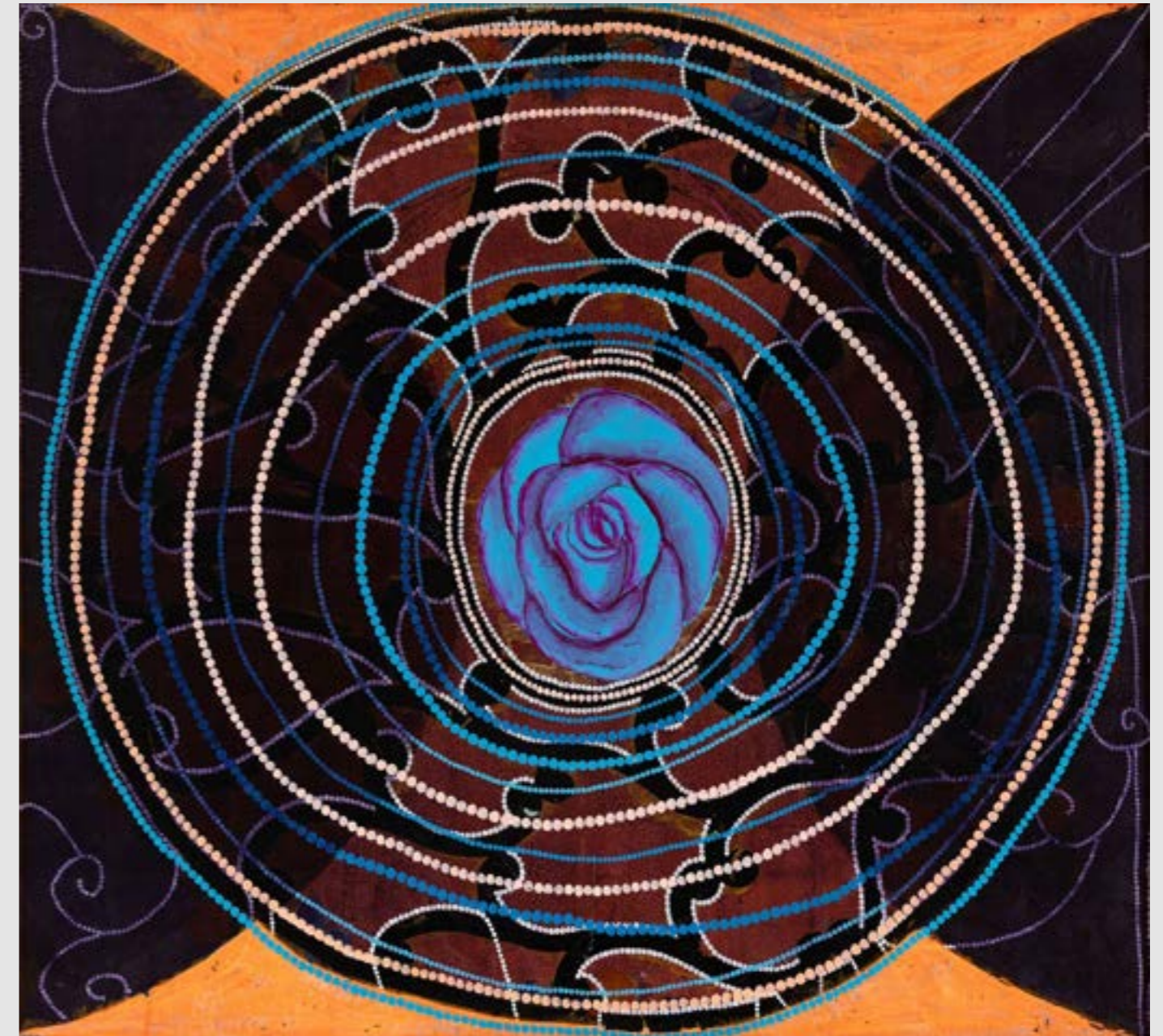
Beatriz Milhazes frequentemente trabalha com formas circulares, sugerindo deslocamentos ora concêntricos, ora expansivos. A transferência de imagens da superfície lisa, pelo uso de película plástica, para a tela faz com que a gestualidade seja quase anulada. A matéria pictórica obtida por numerosas sobreposições não apresenta qualquer espessura, pois os motivos de ornamentação e arabescos são colocados em primeiro plano. O olhar do espectador é levado a percorrer todas as imagens, acompanhando a exuberância gráfica e cromática dos quadros.

Milhazes propõe uma relação não passiva com o espectador, que caminha com os olhos por suas telas, colagens e esculturas, buscando pequenos detalhes e se perdendo no acúmulo, na tensão cromática, na repetição, em movimentos e ornamentos que remetem à história da arte, ao barroco, ao pop, à cultura popular brasileira. A cor, a proporção e o ritmo estão no centro do seu pensamento estético na colagem, escultura, arquitetura e pintura.





Beatriz Milhazes - Foto: O Globo



**BEATRIZ MILHAZES**

*Miss and Mrs, 1993*

óleo sobre tela

95 x 87 cm

assinatura no verso

Participou da exposição: "Rosas Brasileiras",  
Farol Santander, São Paulo, 2024.





**BEATRIZ MILHAZES**

*Noite de Verão, 2007*

serigrafia

47 x 98 cm

Edição de 30.



**BEATRIZ MILHAZES**

*Carioca, 2008*

tapeçaria artesanal em lã e seda

200 x 200 cm

assinatura no verso

Edição de 5 exemplares. Produzido  
em sistema de Tear artesanal.





## BURLE MARX

Roberto Burle Marx (São Paulo, SP, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1994). Durante a infância, vive no Rio de Janeiro. Em 1928, muda-se com a família para Berlim, na Alemanha, e entra em contato com as obras de artistas consagrados, como o holandês Vincent van Gogh (1853-1890), o espanhol Pablo Picasso (1881-1973) e o alemão Paul Klee (1879-1940). Em 1929, frequenta o ateliê de pintura de Degner Klemn. De volta ao Rio de Janeiro, estuda entre 1930 e 1934 pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Na pintura, inicialmente se dedica a naturezas-mortas com motivos da flora brasileira, em traços sinuosos e uma paleta de tons sóbrios. Nos retratos, realistas, aproxima-se de Candido Portinari e Di Cavalcanti (1897-1976). A partir da década de 1950, sua pintura atinge uma linguagem particular: a tendência para a abstração se consolida e a paleta passa a incluir nuances de azul, verde e amarelo mais vivos. O trabalho com a cor está associado ao desenho, que se sobrepõe e estrutura a composição. Nos anos 1980, passa a realizar composições geométricas em acrílico: com contornos desenhados com a cor, as telas têm aspecto fluído e flexível, ganhando leveza. Embora tenham como base a natureza, apresentam essencialmente caráter abstrato, com predominância de elementos lineares.





**BURLE MARX**

*Natureza Morta - Begônias e Alocásia, 1939*

óleo sobre tela

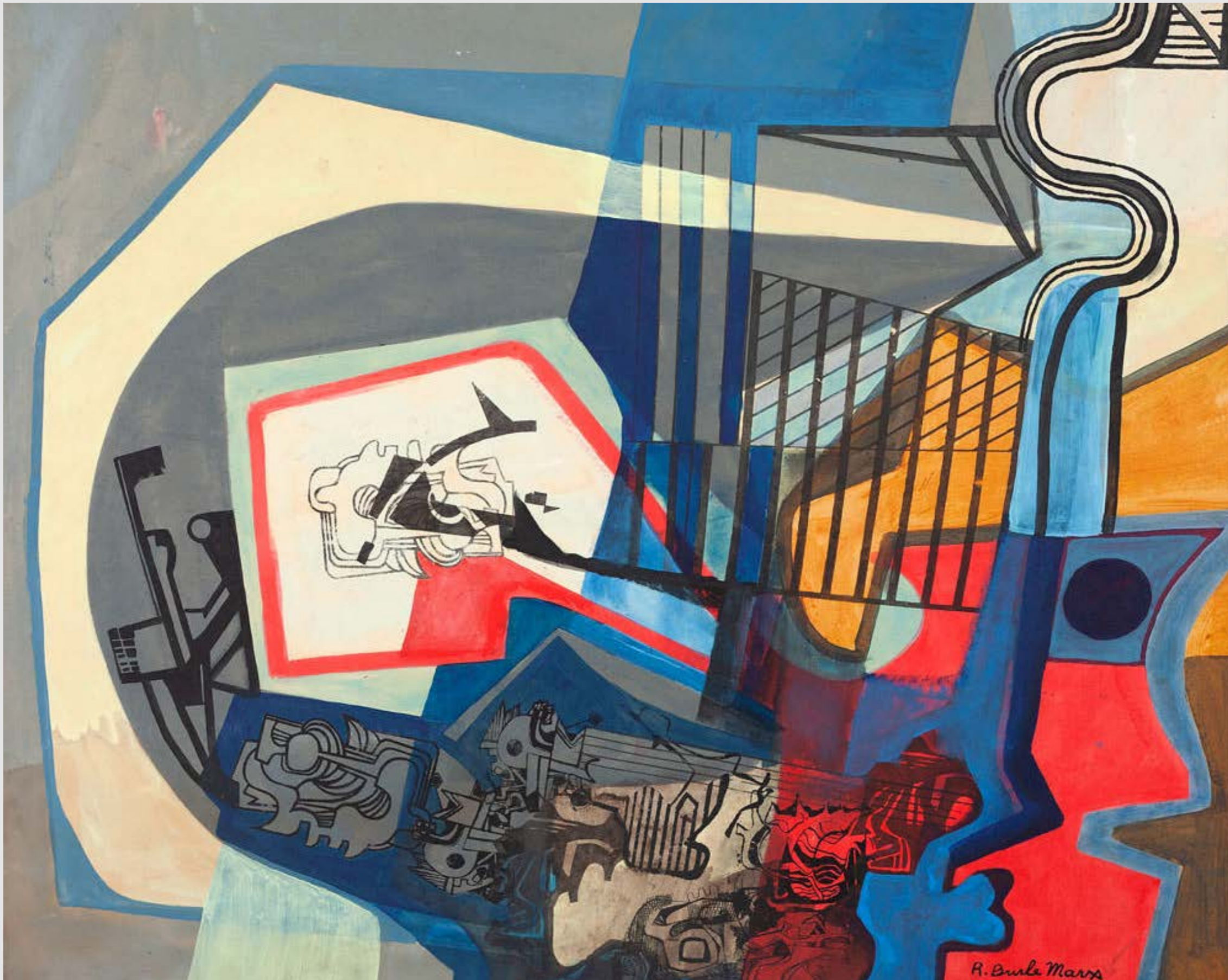
73 x 60 cm

assinatura inf. dir.

Reproduzida no livro "Burle Marx - Uma Poética da Modernidade", pág. 63.

Etiqueta de Exposição do Museu de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte/MG.





**BURLE MARX**  
*Sem Título, 1992*  
panneaux  
126 x 153 cm  
assinatura inf. dir.





## CANDIDO PORTINARI

Candido Portinari (Brodósqui, São Paulo, 1903 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1962). Candido Portinari é um dos maiores expoentes da arte brasileira, não apenas por suas qualidades artísticas e pelo seu reconhecimento internacional, mas, principalmente, por contribuir com a fundação de uma cultura nacional no Brasil. Sua obra é ao mesmo tempo singular, ao retratar as mazelas sociais brasileiras, e universal, ao retratar o sofrimento humano.

O pintor inicia sua formação artística na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), no Rio de Janeiro, em 1920. Obtém o prêmio de viagem ao exterior em 1928 e segue para a Europa no ano seguinte, episódio crucial em sua trajetória artística. Lá, conhece as obras dos mestres italianos Giotto (ca.1266-1337) e Piero della Francesca (ca.1415-1492), além de importantes nomes da cena europeia da época, como o artista plástico italiano Amedeo Modigliani (1884-1920) e o pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973). Todos esses artistas têm grande influência na obra de Portinari em diferentes momentos de sua carreira.

Portinari é um artista reconhecido não apenas por seus quadros, mas também por seus famosos murais em prédios e monumentos importantes. Em 1936, realiza seu primeiro mural, que integra o Monumento Rodoviário da Estrada Rio-São Paulo. Em seguida, convidado pelo então ministro Gustavo Capanema (1900-1985), pinta vários painéis para o novo prédio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no Rio de Janeiro, com temas dos ciclos econômicos do Brasil. Em 1941, pinta os painéis para a Biblioteca do Congresso em Washington D.C., Estados Unidos, com temas da história do Brasil. Realizados em têmpera, com grande luminosidade, os painéis têm como protagonistas, mais uma vez, os trabalhadores.

Em 2023 a Galeria Frente realizou a exposição individual do artista "No Círculo de Luz. Na asa do Sol", com curadoria de Jacob Klintowitz. Acesse nosso site e confira fotos e baixe a versão em pdf do livro realizado para documentar a mostra.



Candido Portinari





**CANDIDO PORTINARI**

*Garimpeiros, 1938*

pintura a guache e grafite sobre papel

42 x 42 cm

assinatura inf. dir.

Catalogada no Projeto Portinari sob o registro FCO 5322 CR 871. Reproduzido no Raisonné do Artista, Vol. I, à p.456. Atestado De Autenticidade Do Projeto Portinari N° 337. Maquete para a pintura mural "Garimpo" parte da série Ciclos Econômicos, obra executada para decorar o salão de audiências do Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, RJ.



**CANDIDO PORTINARI**

*Casamento na Roça, 1940*

óleo sobre tela

100 x 80 cm

assinatura inf. esq.

Registrado no Catálogo Raisonné 1235 FCO 979, Vol. II p.146 e 147. Exposições: Latin American Exhibition of Fine Arts. Riverside Museum, New York, 1940; National Art Week: Portinari. Person Hall Art Gallery of University of North Carolina, Chapel Hill, 1940; Exposição de Pintura Candido Portinari. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1943; Portinari. MASP, São Paulo, 1954. Livros: Candido Portinari. 1972. 126p. rp. color p.63. inf p.62 [LV23]; Candido Portinari. 1997. 277p. rp. color p.145, inf. p.144 [LV 46].





**CANDIDO PORTINARI**  
*Casamento na Roça, 1944*  
óleo sobre tela  
60 x 73 cm

Registrado 2070 [FCO 3975] Catálogo Raisonné,  
Vol. II, p. 469 e 470. Livro: Candido Portinari.  
1997. 277p. rp. color. p141, inf. p.140 [LV46].



**CANDIDO PORTINARI**  
*Mulher Chorando, 1947*  
óleo sobre tela  
81 x 66 cm  
assinatura inf. dir.

Registrado no Catálogo Raisonné , vol. III, Rio de Janeiro 2003-2004, nº 2551 [FCO 4189], pág. 182.  
Livro: Cipriano Santiago Vitureira, Portinari en Montevideo , Montevideu 1949, p. 20, ilustrado.  
Exposição: Portinari exposição de sua obra de 1920 a 1948 , Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, 1948, p. 20-21.





## DI CAVALCANTI

Emiliano Di Cavalcanti (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1897 – idem, 1976). Foi um dos maiores ícones do movimento modernista da década de 1920. Além de pintor, ele foi desenhista, ilustrador, cartunista, caricaturista, muralista, cenógrafo, escritor, jornalista, poeta e doutor honoris causa pela Universidade Federal da Bahia. Apesar da influência cubista e surrealista, foi um dos mais típicos pintores brasileiros pela representação dos temas populares, como o carnaval, as mulheres da periferia, o samba, as favelas e os operários. Outra referência para o artista são as obras do muralista mexicano Diego Rivera.

Suas cores vivas são características de um pintor dos trópicos. Sua arte coerente revela uma evolução, mas não uma transformação radical. Sua arte o situa como mestre do modernismo.

Participou da Bienal de Veneza em 1956, mesmo ano que é premiado na “Mostra de Arte Sacra” de Trieste, na Itália. Alguns anos depois, em 1960, Di Cavalcanti ganha a medalha de ouro na “Bienal Interamericana do México”, onde teve uma sala especial para suas obras. Nesta mesma década, em 1966, ele recupera seus trabalhos extraviados no início dos anos de 1940 e ficaram armazenados nos porões da embaixada brasileira. Em 1971, outra retrospectiva de sua obra é organizada para homenagear Di Cavalcanti, desta vez pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo.







**DI CAVALCANTI**

*Zuila*, 1949

óleo sobre tela  
65 x 54 cm  
assinatura inf. dir.

Reproduzido no livro "Edi Cavalcanti - 60  
Reproduções Coloridas" Pág. 90.

PÁG. 70



**DI CAVALCANTI**

*Sem Título*, 1962

óleo sobre tela  
73 X 100 cm  
assinatura inf. esq.

Reproduzido na Revista Enciclopédia  
Bloch, julho 1971. pág. 10

PÁG. 71





**DI CAVALCANTI**  
*Mulata*, 1966  
óleo sobre tela  
144 x 97 cm.  
assinatura inf. dir.



**DI CAVALCANTI**  
*Figura Feminina Com Cavalos*, 1970  
óleo sobre tela  
50 x 70 cm  
assinatura inf. dir.



## ELEONORE KOCH

Eleonore Koch (Berlim, Alemanha, 1926 - São Paulo, São Paulo, 2018). Chega ao Brasil em 1936. Faz viagem de estudos a Paris em 1949 e frequenta os ateliês de escultura de Arpad Szenes (1897-1985) e Robert Coutin (1891-1965). De volta a São Paulo, em 1952, atua como cenógrafa na TV Tupi. Por intermédio de Geraldo de Barros (1923-1998), torna-se secretária de Mário Schenberg (1914-1990) e César Lattes (1924-2005), na Universidade de São Paulo (USP). Conhece por intermédio de sua mãe, a psicanalista Adelheid Koch, o colecionador Theon Spanudis (1915-1985), que a apresenta ao pintor Alfredo Volpi (1896-1988), com quem continua sua formação. Recebe grande influência do pintor, de quem passa a ser considerada a única discípula. Integra as edições de 1959 a 1967 da Bienal Internacional de São Paulo. Fixa residência em Londres a partir de 1968, onde é apoiada por um grande colecionador, e trabalha como tradutora juramentada junto à Justiça inglesa.

Conhecida como a única discípula do pintor Alfredo Volpi, Eleonore Koch tem uma trajetória ainda pouco estudada pela crítica de arte no Brasil. Inicia sua formação como escultora, mas centra sua produção na pintura a partir dos anos 1950. À primeira vista, sua obra encontra semelhanças com a pintura metafísica italiana. É certo que Koch não segue a trajetória do figurativismo à abstração que caracteriza os artistas que a influenciam.

Sua obra contribui para a investigação de questões pertinentes à pintura, em especial no tocante à dicotomia entre cor e linha. A relação que sua pintura estabelece com os objetos representados se desvia de uma atitude contemplativa. Vê-se que é do constante embate entre as superfícies de cor, trabalhadas com o auxílio da têmpera, e os objetos nitidamente representados, que se faz a tensão permanente de seus quadros. A imobilidade resultante decorre menos de uma postura passiva diante de uma cena do que da representação de um jogo de forças que resulta um equilíbrio tenso, no qual nem cor nem desenho preponderam.

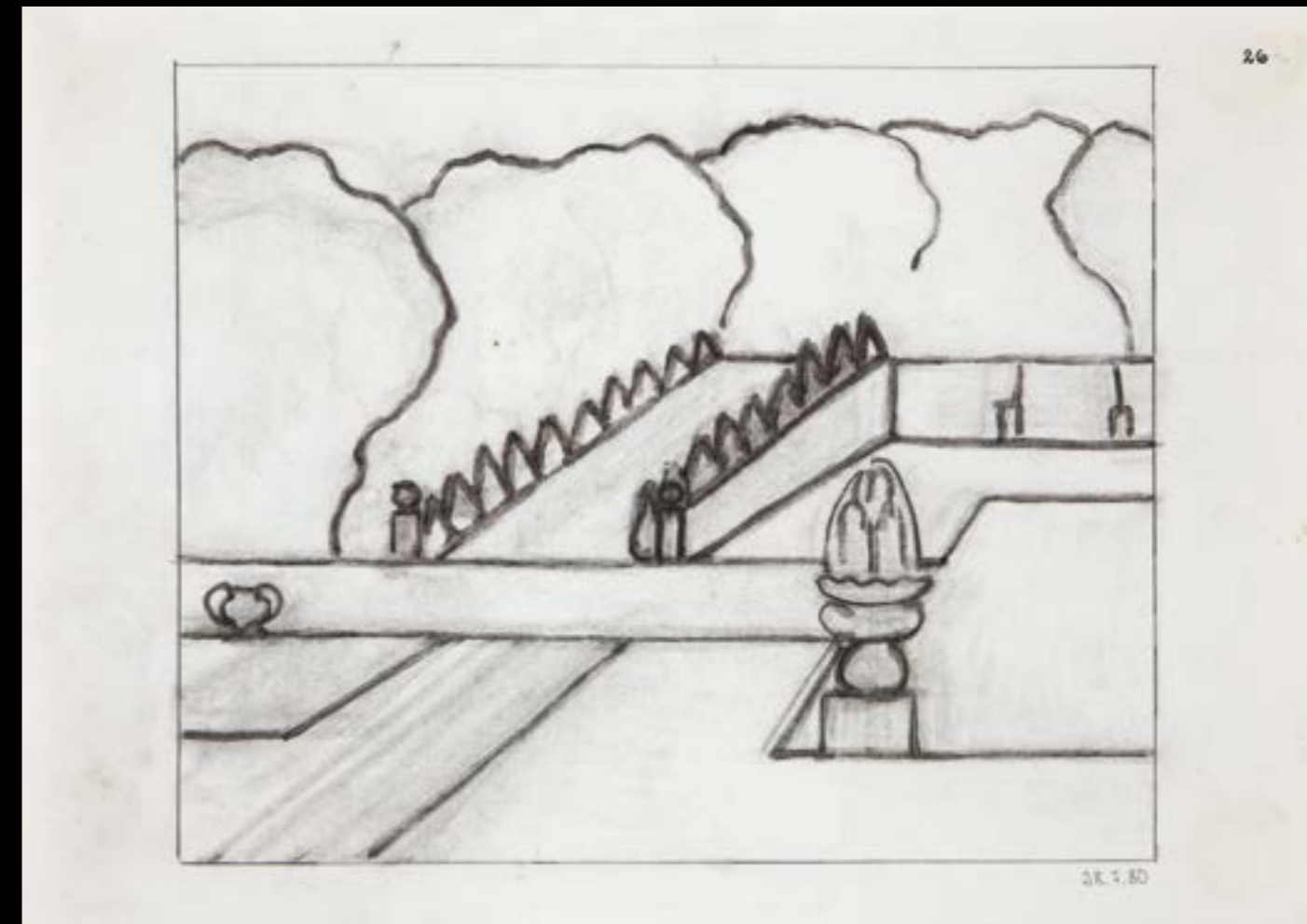


Eleonore Koch – Foto: Trema / O Globo





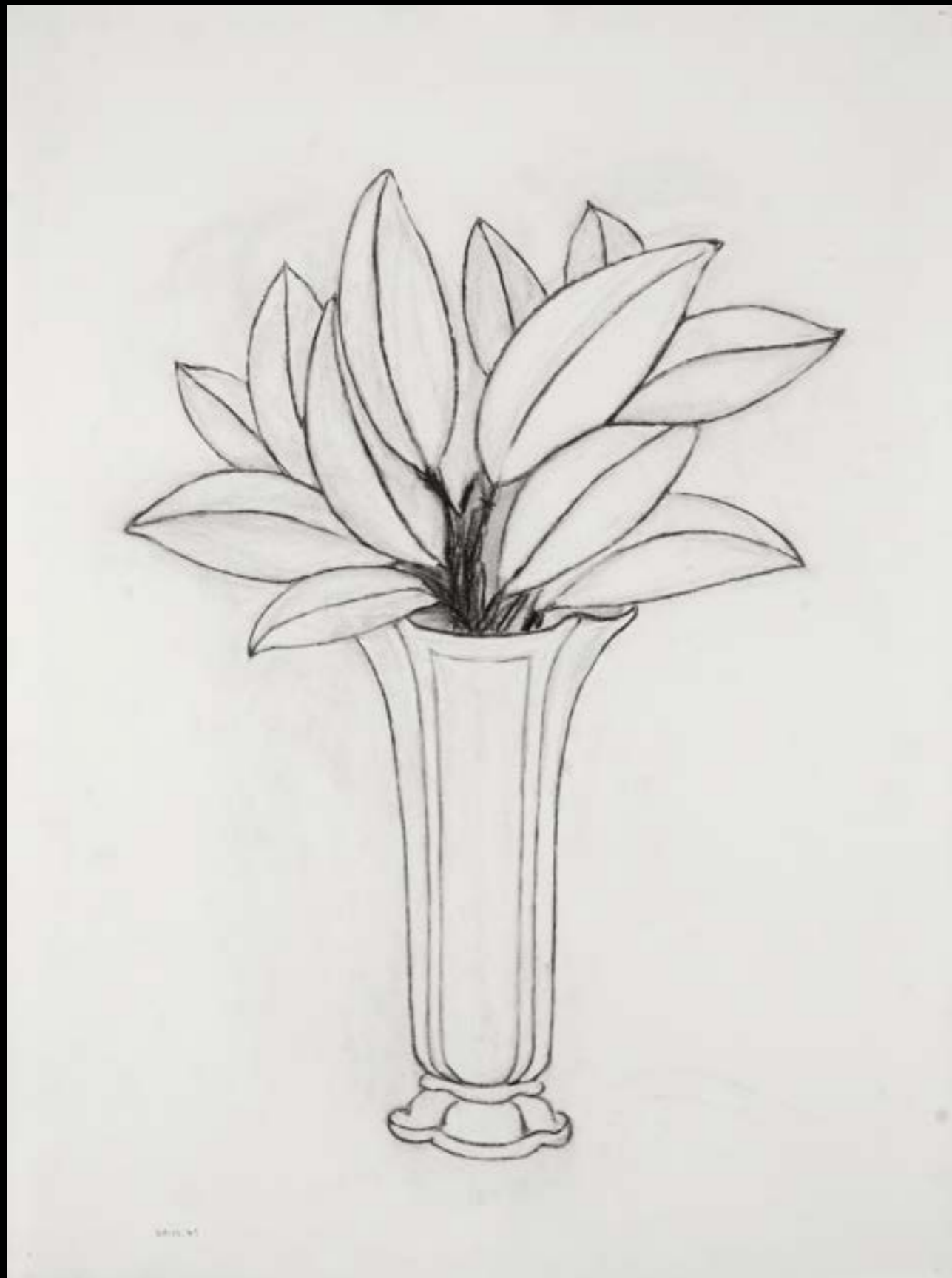
**ELEONORE KOCH**  
*Sem Título, déc. 1979*  
carvão e guache sobre papel  
48 x 60 cm  
assinatura inf. esq.



**ELEONORE KOCH**  
*Sem Título, 1980*  
técnica mista sobre papel  
21 x 30 cm

Reproduzido no livro "Eleonore Koch, mundo ordenado" Centro Universitário Maria Antonia, 2009, na pág. 58.





**ELEONORE KOCH**  
*Vaso de Planta*, 1981  
carvão sobre papel  
76 x 55 cm  
assinado



**ELEONORE KOCH**  
*Sem Título*, 1985  
técnica mista sobre papel  
21 x 30 cm



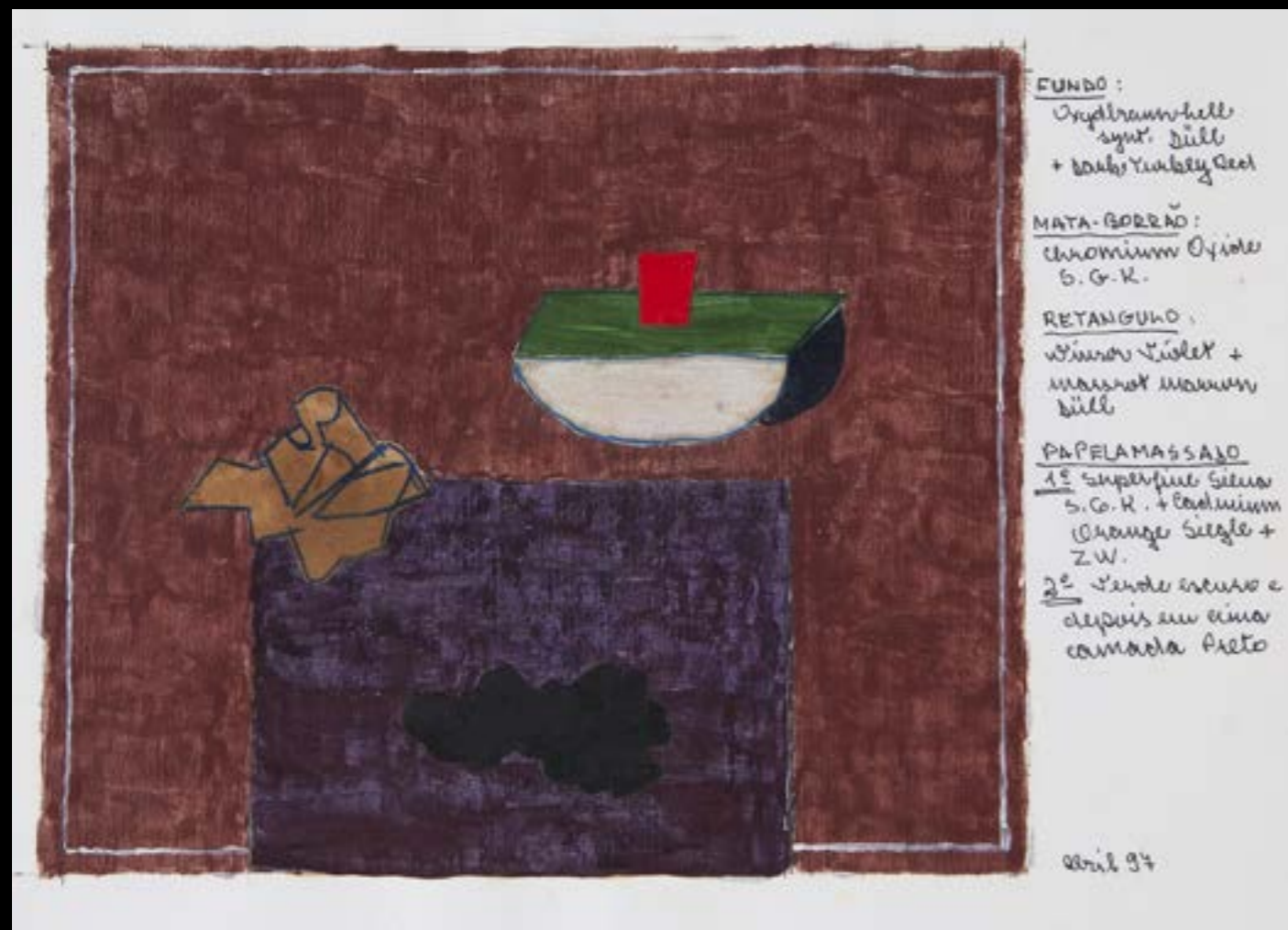


**ELEONORE KOCH**  
*Sem Título, 1985*  
 técnica mista sobre papel  
 30 x 21 cm



**ELEONORE KOCH**  
*Sem Título, 1986*  
 técnica mista sobre papel  
 21 x 30 cm





**ELEONORE KOCH**  
Sem Título, 1997  
técnica mista sobre papel  
21 x 29 cm



**ELEONORE KOCH**  
Sem título  
carvão sobre papel  
82 x 54 cm



## ERNESTO NETO

Ernesto Neto nasceu em 1964, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), na década de 1980, mesma época em que fez cursos de intervenção urbana e escultura, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio). No início da carreira, foi influenciado por artistas brasileiros que pesquisavam as relações formais e simbólicas entre matérias diversas, como José Resende e Tunga. Mais tarde, passou a explorar materiais mais flexíveis e cotidianos, como as meias de poliamida, que se tornaram uma das bases predominantes de suas obras. No fim da década de 1990, o artista desenvolveu o trabalho das “naves”, estruturas penetráveis de tecido transparente e flexível que ampliavam a participação do público em as obras. Neto participou da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010; da exposição After Utopia – A View on Brazilian Contemporary Art, no Centro per l’Arte

Contemporanea Luigi Pecci, em Prato, em 2009; e das Bienais de Veneza de 2001 e 2003. Apresentou as individuais Sopro, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 2019; Um Dia Todos Fomos Peixes, Blueproject Foundation, Barcelona, em 2017; Boa, Museum of Contemporary Art Kiasma, Helsinki, em 2016. Sua obra está presente em importantes acervos, como 21st Century Museum of Contemporary Art, em Kanazawa; Centre Georges Pompidou, em Paris; Daros Latin America, em Zurique; Instituto Inhotim, em Brumadinho; The Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York; Museum of Contemporary Art Chicago, em Chicago; Museum Boijmans van Beuningen, em Roterdã; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madri, entre outros.







**ERNESTO NETO**

*Sem Título, 2011*

escultura

25 x 70 x 40 cm

Peça única. Possui certificado de autenticidade  
Nº Inventário EN10466.





## FERNANDO BOTETO

Fernando Botero (Medellin, Colômbia 1932 - Monaco-Ville, Mônaco, 2023)  
Em 1948, ele começou trabalho como um ilustrador. Mudou-se para Bogotá em 1951 e realizou sua primeira mostra internacional no Leo Matiz Gal. Partindo para Madrid em 1952, estudou na Academia de San Fernando. De 1953 a 1955, aprendeu a técnica de afrescos e história da arte em Florença, que tem influenciado suas pinturas, desde então. De volta à Colômbia, expôs na Biblioteca Nacional, em Bogotá, e começou a lecionar na Escola de Belas Artes da Universidade Nacional; naquele mesmo ano, passou algum tempo no México, estudando os murais políticos de Rivera e Orozco, cuja influência é evidente em sua perspectiva política.

Embora o expressionismo abstrato lhe interessasse, buscou inspiração no renascentismo Italiano. Durante este período, começou a experimentar a criação do volume em suas pinturas, expandindo as figuras e comprimindo o espaço em torno delas, uma qualidade que continua explorando ao pintar retratos de grupos imaginários ou paródias sobre o trabalho de mestres famosos.

Com um grande número de exposições na Europa e nas Américas do Norte e do Sul, Botero recebeu inúmeros prêmios, inclusive o Primeiro Intercol, no Museu de Arte Moderna de Bogotá, e figura no acervo dos principais museus em todo o mundo. Desde o início da década de 1970, Botero divide seu tempo entre Paris, Madrid e Medellín.

Nas obras satíricas de Fernando Botero, políticos, militares e religiosos, músicos e a realeza, são retratados com figuras rotundas e sem movimento, assumindo a característica de vida humana estática. De natureza humorística à primeira vista, as pinturas de Botero são geralmente um comentário social com toques políticos.





Fernando Botero - Foto: Massimo Sestini



**FERNANDO BOTERO**  
*Senhora, 1974*  
óleo sobre tela  
128 x 95 cm





## FLÁVIO DE CARVALHO

Flávio de Carvalho (Amparo da Barra Mansa, Rio de Janeiro, 1899 – Valinhos, São Paulo, 1973). Destaca-se pela atuação no teatro e pelas performances que abrem caminho para novos procedimentos artísticos desenvolvidos no Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970.

Desenvolve atividades em várias áreas artísticas, frequentemente de forma inovadora e provocativa. Embora participe de diversos concursos públicos, como o de 1927, para construção do Palácio do Governo do Estado de São Paulo, não vence em nenhum deles. De qualquer modo, seus projetos são considerados pioneiros da arquitetura moderna no país. Apenas dois de seus projetos são realizados: o conjunto de casas da alameda Lorena (1936/1938) e a fazenda Capuava (1939), ambos precursores da arquitetura moderna no Brasil. A casa da fazenda é a que melhor sintetiza suas ideias. Nela, a decoração é tão importante quanto a arquitetura. Sua frente é um trapézio alto; o interior, um grande salão sem divisórias, com cortinas de panos coloridos que dançam com o vento. Os banheiros e a cozinha são revestidos com chapas de alumínio, material extremamente moderno. Há ainda uma lareira com cúpula de alumínio que solta fumaça colorida.

Seu estilo era bastante peculiar e sua fusão de estilos também. O artista tinha traços surrealistas, cubistas, do expressionismo alemão, além de um grande apego ao polêmico e renovador. Tinha como ideia a antropofagia pura, releitura de movimentos artísticos europeus, para a sociedade brasileira, buscando sempre um contato direto com o espectador. Seu interesse era em despertar reações psicológicas em quem via seus trabalhos.







**FLÁVIO DE CARVALHO**

*Descanso*

aquarela sobre cartão

50 x 70 cm

assinatura sup. dir.





## GENARO DE CARVALHO

Genaro de Carvalho (Salvador, BA, 1926 - idem 1971). Em 1944, vai para o Rio de Janeiro, e estuda desenho com Henrique Cavalleiro (1892-1975) na Sociedade Brasileira de Belas Artes. É considerado um dos principais ativistas pela renovação da arte na Bahia, ao lado de Carlos Bastos (1925-2004), Caribé (1911-1997) e Mario Cravo Jr. (1923). Com bolsa de estudos do governo francês, Genaro embarca para Paris em 1949, lá estuda com André Lhote (1885-1962) e Fernand Léger (1881-1955) na École Nationale de Beaux-Arts. Participa, em 1950, dos Salões de Outono, de Maio e dos Independentes. Nesse mesmo ano, inicia-se na arte da tapeçaria. No ano de 1955, cria o primeiro ateliê de tapeçaria no Brasil, na cidade de Salvador, Bahia.



Genaro de Carvalho





**GENARO DE CARVALHO**  
*Sem Título*  
tapeçaria  
124 x 160 cm

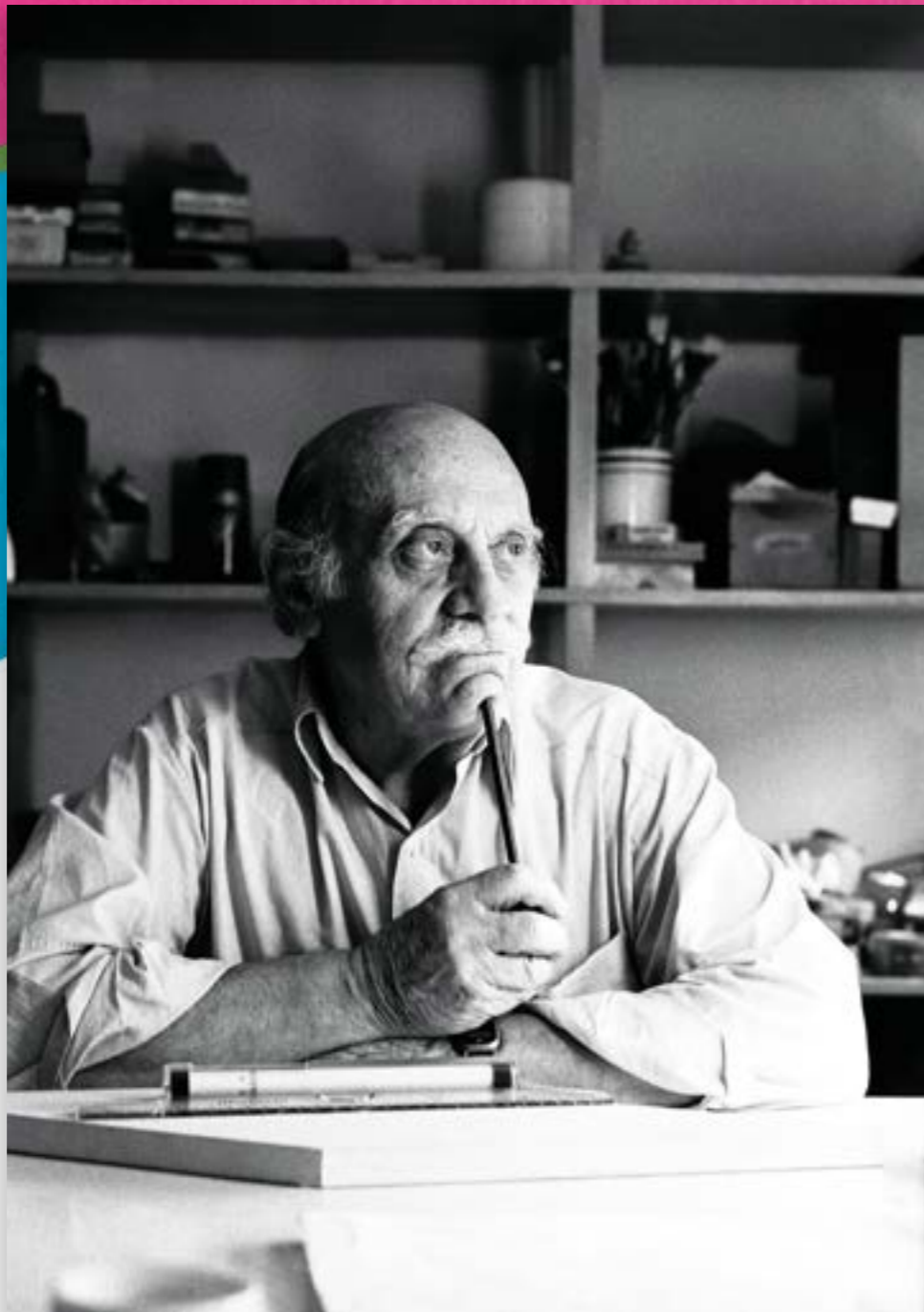


## HÉRCULES BARSOTTI

Hércules Rubens Barsotti (São Paulo SP 1914 - idem 2010). Em 1954, Barsotti abre escritório de projetos gráficos com Willys de Castro. A ligação com Willys e o contato com uma lógica industrial de trabalho aproximam-no ainda mais das poéticas concretas. Então começa a atuar como artista gráfico e cria estampas para tecidos. A objetividade peculiar do concretismo, no entanto, só aparece em sua pintura a partir de 1957. Barsotti simplifica sua pintura e passa a utilizar formas geométricas impessoais, em preto e branco. Esses elementos evitam as marcas do pincel e, se articulando em série, sugerem volumes virtuais. No entanto, Barsotti não adere a nenhum grupo de vanguarda nem assina nenhum manifesto concretista. Expõe trabalhos na 4ª Bienal Internacional de São Paulo. Em 1958, Barsotti ganha a pequena medalha de prata do Salão Paulista de Arte Moderna e parte para a Europa com Willys de Castro. Lá estuda e visita Itália, Suíça, Espanha e Portugal. Durante a viagem o pintor conhece Max Bill (1908-1994), que será decisivo em sua pintura.

Ao voltar para o Brasil, em 1959, Barsotti realiza sua primeira exposição individual, na Galeria de Artes das Folhas. Nesse período, seu trabalho fica ainda mais austero. O artista pinta sobre superfícies homogêneas - pretas ou brancas - faixas que se afinam no centro ou nas margens da tela, dispõe elementos sugerindo diagonais que produzem a impressão de curvatura na superfície da tela. Sua pintura passa a trabalhar o quadro como um objeto que será desenvolvido como algo dúbio, um plano que sugere um volume.

Esta abordagem o aproxima do Grupo Neoconcreto. Com o Grupo, expõe em 1960 no Ministério da Educação e Cultura (MEC) no Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) em 1961. Ainda em 1960, ele mostra seus trabalhos na exposição Konkrete Kunst [Arte Concreta], organizada por Max Bill, em Zurique. Junto com a aproximação ao neoconcretismo, Barsotti retorna à tendência de progressiva austeridade em sua pintura. Em meados dos anos 1960, incorpora a areia como fonte de brilho e de densidade física de suas pinturas. A partir de 1963, abandona a fé ortodoxa no preto e branco concreto, e consegue importar seus primeiros tubos coloridos de tinta acrílica. O formato da tela determina a estrutura interna dos trabalhos. O artista produz quadros em formatos hexagonais, redondos e pentagonais.



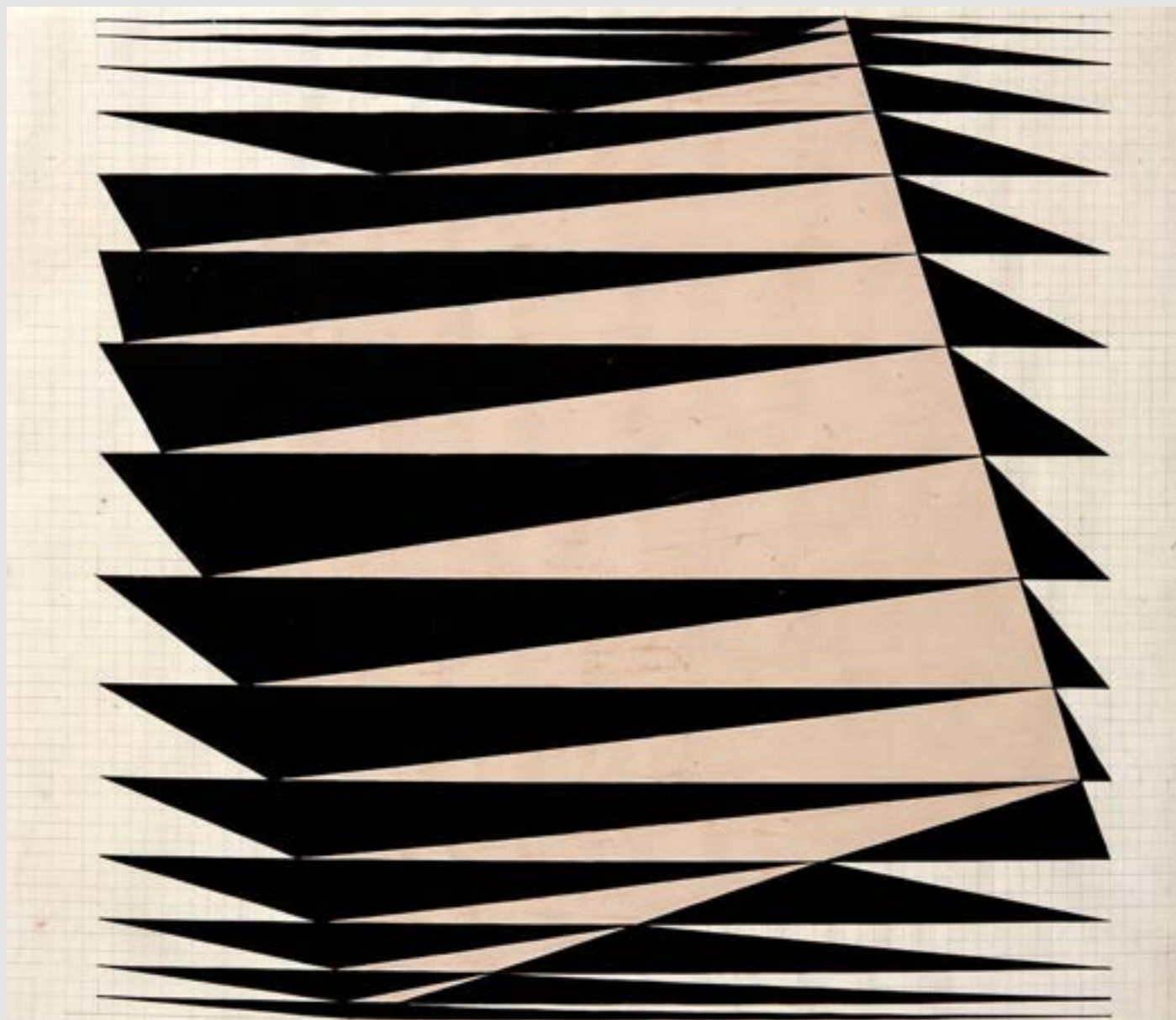
Hércules Barsotti





**HÉRCULES BARSOTTI**  
**Nº 5, 1990**  
acrílica sobre madeira  
25 x 74,6 cm  
assinatura no verso

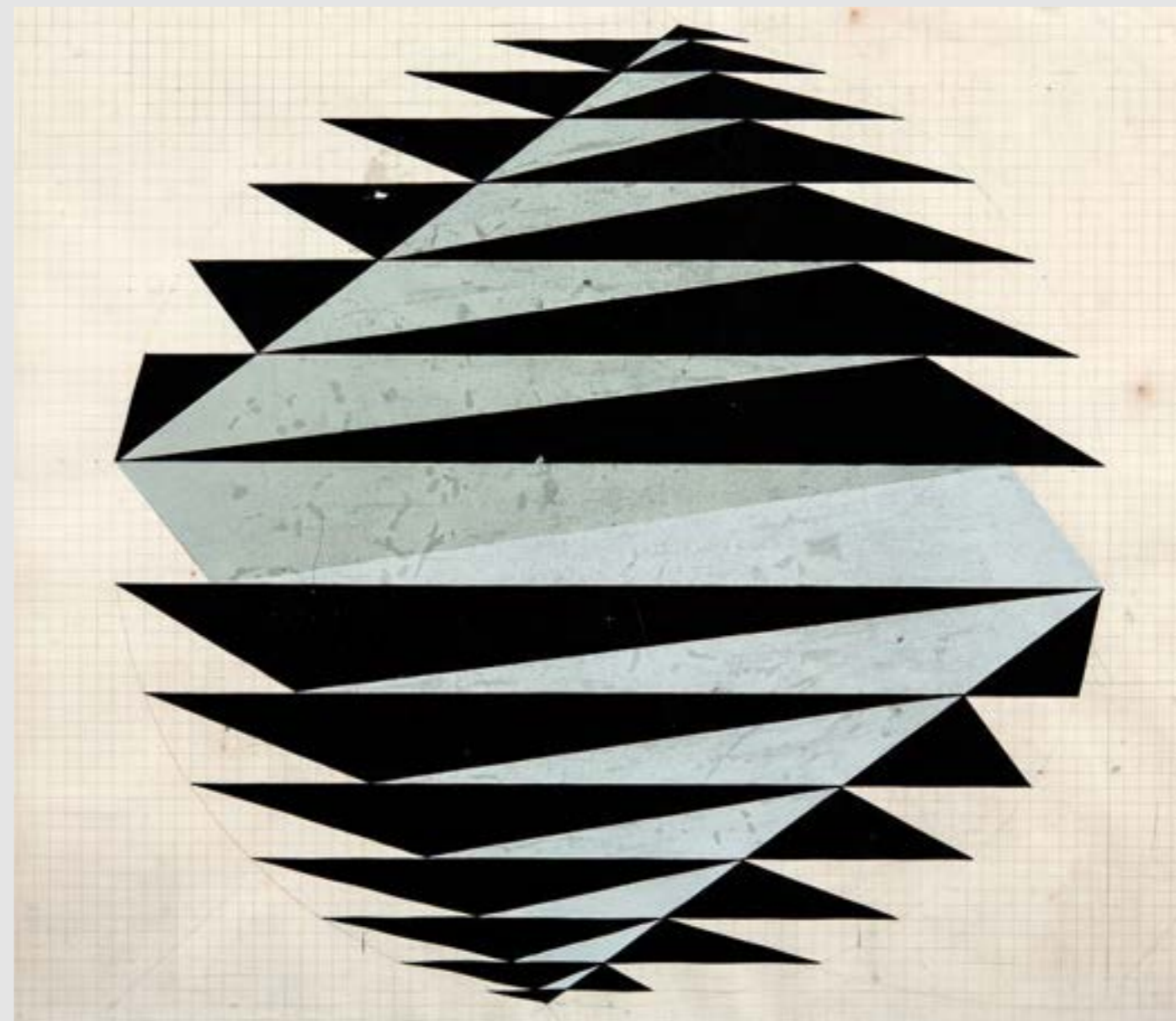




**HÉRCULES BARSOTTI**

*Sem Título, déc. 1950*  
guache sobre papel quadriculado  
33 x 39 cm  
assinatura no verso

Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", na Galeria Frente, São Paulo, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 153.



**HÉRCULES BARSOTTI**

*Sem Título, déc. 1950*  
guache sobre papel quadriculado  
35 x 39 cm  
assinatura no verso

Participou da exposição "Hércules Barsotti, opostos determinantes", na Galeria Frente, São Paulo, 2016, reproduzido no livro da mostra na pág. 153.





## JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA

José Antônio da Silva (Sales de Oliveira, São Paulo, 1909 - São Paulo, São Paulo, 1996). Autodidata de formação, José Antônio da Silva exerce várias atividades, entre elas a de trabalhador rural, até o seu trabalho como artista ser descoberto em 1946, durante exposição na Casa de Cultura, em São José do Rio Preto, despertando o interesse de críticos de arte que participavam do evento. Suas primeiras pinturas possuem cores frias e escuras. A partir de 1948, realiza paisagens de caráter mais lírico, empregando uma gama cromática mais viva e variada. Expõe nas três primeiras edições da Bienal Internacional de São Paulo, e nessa época, sua obra revela a influência pela pincelada vibrante de Vicent van Gogh (1853-1890), em 1955, passa a realizar quadros baseado no pontilhismo, nos quais os pontos ou traços de cor proporcionam destaque a matéria.



Destacam-se em sua obra o desenho expressivo, o senso da cor e o caráter de fantasia. Silva percorre uma grande variedade de temas: natureza-morta, pintura sacra, marinha, pintura histórica e de gênero. Algumas telas possuem um tom irônico. Nos quadros realizados a partir da década de 1970, o artista cria maior distinção entre a figura e o plano de fundo, empregando também grandes planos de cores.





**JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA**

*Fazenda, 6/3/1949*

óleo sobre tela

50 x 64 cm

assinatura ao centro

Participou das exposições: "Entreolhares, poética d'alma brasileira", no Museu Afro Brasil, São Paulo, 2016, reproduzido no catálogo da mostra na pág. 62. "Queermuseu, cartografias da diferença na arte brasileira", Farol Santander, Porto Alegre, RG, 2017, na pág. 91.





## JOSÉ LEONILSON

José Leonilson (Fortaleza, Ceará, 1957 - São Paulo, São Paulo, 1993). Em 1961, muda-se com a família para São Paulo. Entre 1977 e 1980, cursa educação artística na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), onde é aluno de Julio Plaza (1938-2003), Nelson Leirner (1932). Tem aulas de aquarela com Dudi Maia Rosa (1946) na escola de artes Aster, que frequenta de 1978 a 1981. Nesse último ano, em Madri, realiza sua primeira individual na galeria Casa do Brasil e viaja para outras cidades da Europa. A obra de Leonilson inclui pinturas, desenhos, bordados e algumas esculturas e instalações. Na constituição de uma expressão pessoal e subjetiva, desde 1984, Leonilson realiza formas orgânicas em seus desenhos e pinturas, que se aproximam cada vez mais de cartografias do corpo. Toma também consciência da necessidade de constituir com as palavras uma linguagem própria.







**JOSÉ LEONILSON**

*Torre Amarela, 1982*

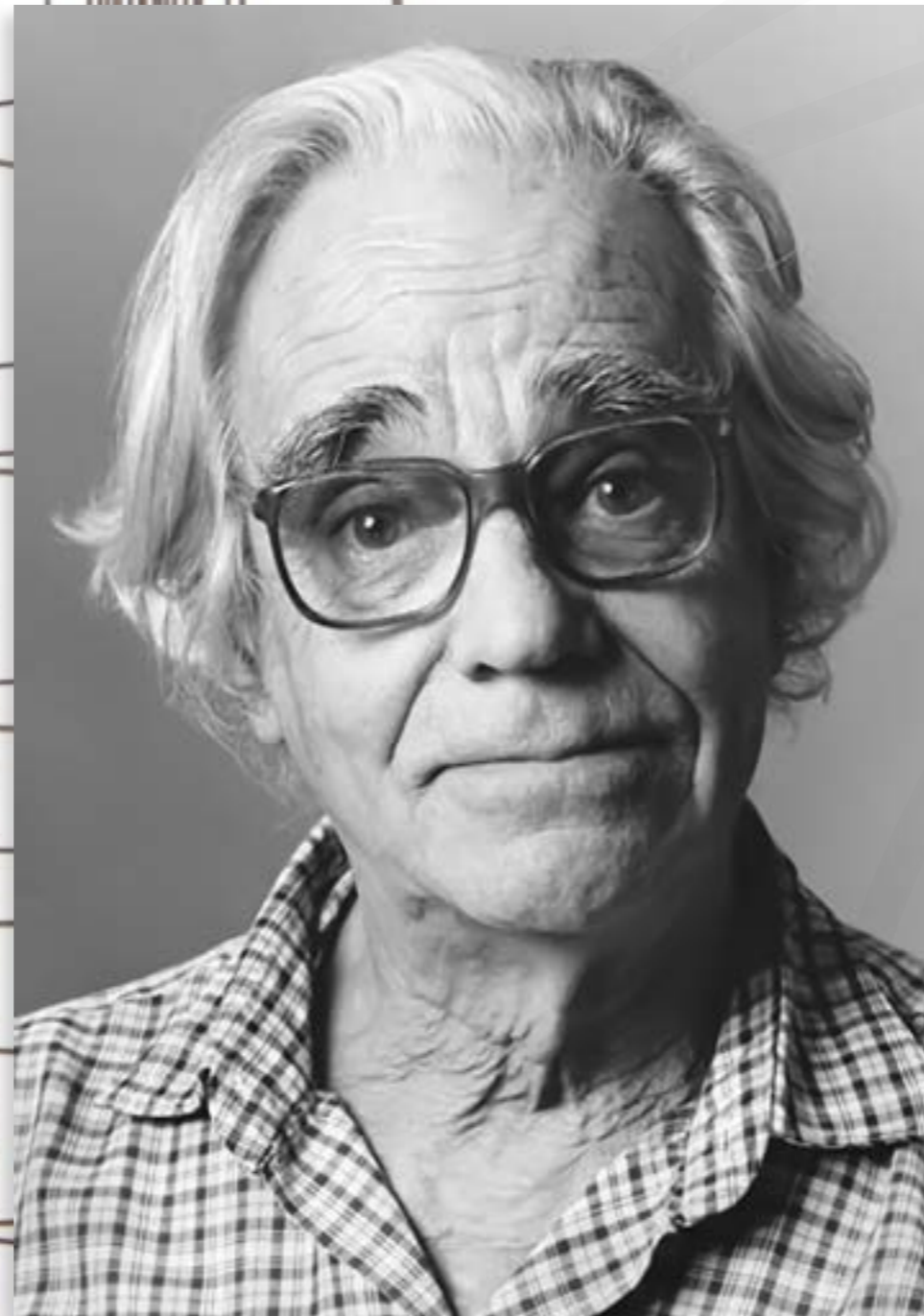
tinta acrílica e metálica sobre lona  
52,5 x 148 cm

Registrada no Catálogo Raisonné PL. 0854.0/00, pág. 74.  
Participou da exposição: "Leonilson: desenhos, pinturas.  
Galeria Luisa Strina, São Paulo, 1983.



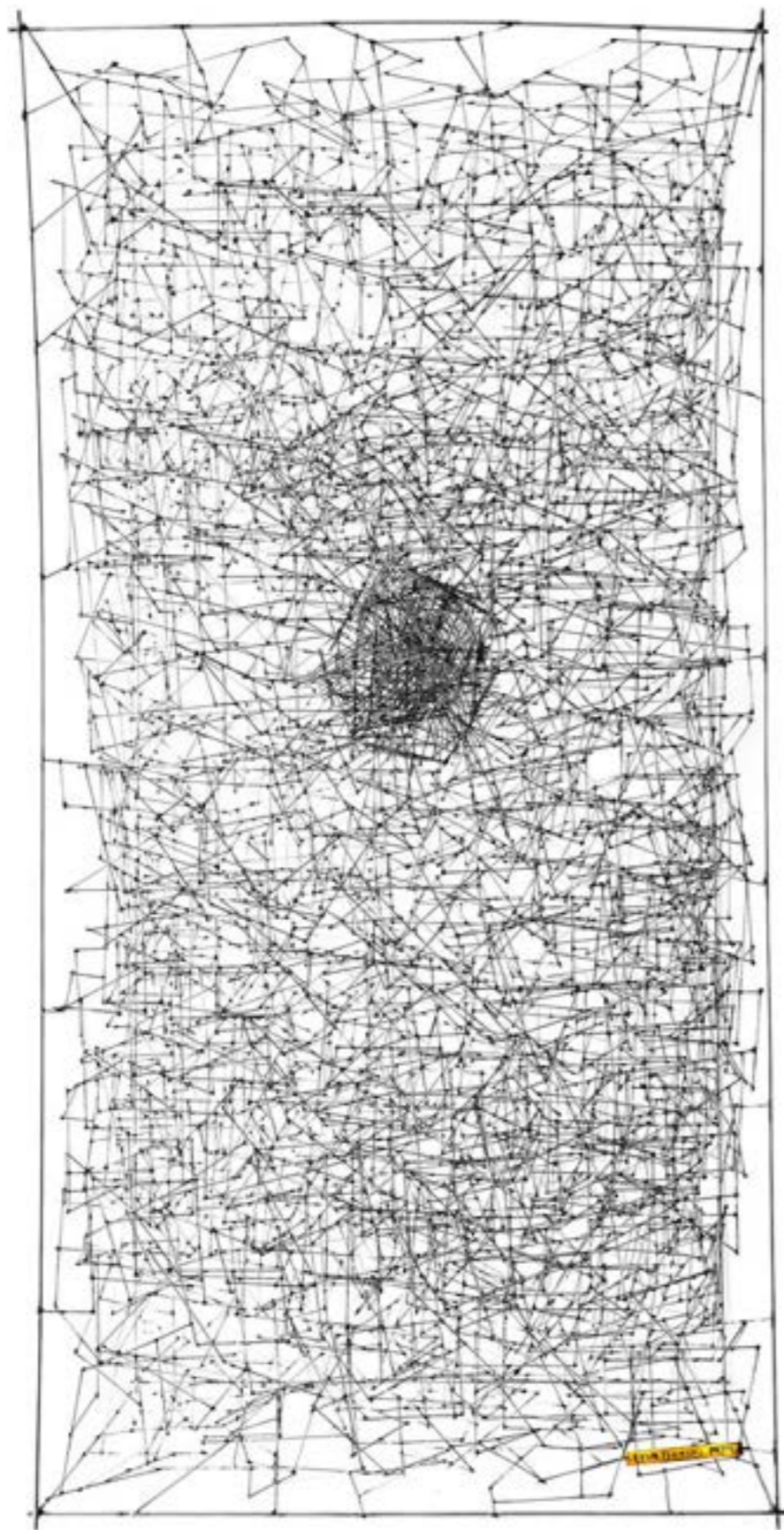
## LEÓN FERRARI

Leon Ferrari (Buenos Aires, Argentina 1920 - idem 2013). A produção de Leon Ferrari abrange campos diversos, como o tridimensional, o desenho, a escrita, a colagem, a assemblage, a instalação e o vídeo. Sua obra é marcada por um processo intenso de experimentação. Em 1961, o artista inicia a realização de esculturas em metal. Gradualmente, incorpora textura e movimento em suas composições, por meio do uso de chapas de diversos tamanhos e diferentes metais. Inicia seu trabalho como escultor na Itália, onde reside por três anos. Em 1965, engaja-se no movimento cultural e político do Instituto di Tella de Buenos Aires, e abandona a produção abstrata. Muda-se para São Paulo, em 1976, e retoma a produção de escultura de metal. Em 1977, passa a fazer esculturas sonoras em barras metálicas e interessa-se por novos meios expressivos, incentivado pela convivência com Regina Silveira (1939) e Julio Plaza (1938-2003). Realiza obras em videotexto, microfichas, arte postal, cria livros de artista e trabalha com litografia. Recebe prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA de melhor exposição do ano, em 1983. No ano seguinte volta a residir em Buenos Aires. Passa a utilizar também o meio digital em suas proposições.



León Ferrari





**LEÓN FERRARI**  
*Sem Título, 1979*  
escultura em ferro  
80 x 40 x 40 cm  
assinatura na peça



**LEÓN FERRARI**  
*Sem Título, 1982*  
escultura em metal com soldas em prata  
35 x 17 x 17 cm  
assinatura inferior





## MANABU MABE

Manabu Mabe (Kumamoto, Japão 1924 – São Paulo, SP, 1997).

De Kobe, Japão, emigra com a família para o Brasil em 1934, para se dedicar ao trabalho na lavoura de café no interior do estado de São Paulo. Interessado em pintura, começa a pesquisar sobre o tema, como autodidata.

Em 1947, em viagem a São Paulo, conhece o pintor Tomoo Handa (1906 -1996). No ano seguinte, estuda com o pintor Yoshiya Takaoka (1908 -1978), que lhe transmite ensinamentos técnicos e teóricos sobre pintura. Nesse período, integra o Grupo Seibi e participa das reuniões de estudos do Grupo 15, com Yoshiya Takaoka, Shigeto Tanaka (1910-1970) e Tomoo Handa. Em 1957, vende seu cafezal em Lins e se muda para São Paulo para se dedicar exclusivamente à pintura. Recebe, em 1959, o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, com as pinturas abstratas Grito e Vitorioso, ambas realizadas em 1958. Em 1959, participa da 5ª Bienal Internacional de São Paulo, recebe o prêmio de Melhor Pintor Nacional. É premiado na 1ª Bienal dos Jovens de Paris, e, no ano seguinte, é premiado na 30ª Bienal de Veneza. Torna-se assim um dos artistas mais destacados do abstracionismo informal brasileiro.

No início de sua trajetória no campo da abstração, explora o empastamento, a textura e o traço e se revela um colorista de porte. Em meados da década de 1960, depois de uma viagem de oito meses pela Europa, começa a se aproximar de certos aspectos do tachismo. As pinturas de Manabu Mabe são caracterizadas sobretudo pela gestualidade, pelo trabalho com manchas de grande expressividade e pelo apuro no uso das cores. Os títulos de suas obras costumam evocar emoções ou fenômenos da natureza.



Manabu Mabe





**MANABU MABE**  
*Som do Eixo da Terra, 1960*  
óleo sobre tela  
185 x 185 cm

Participou da Bienal de Veneza, 1960.

PÁG. 120



**MANABU MABE**  
*Abstração em Branco, 1978*  
óleo sobre tela  
102 x 152 cm  
assinatura inf. dir.

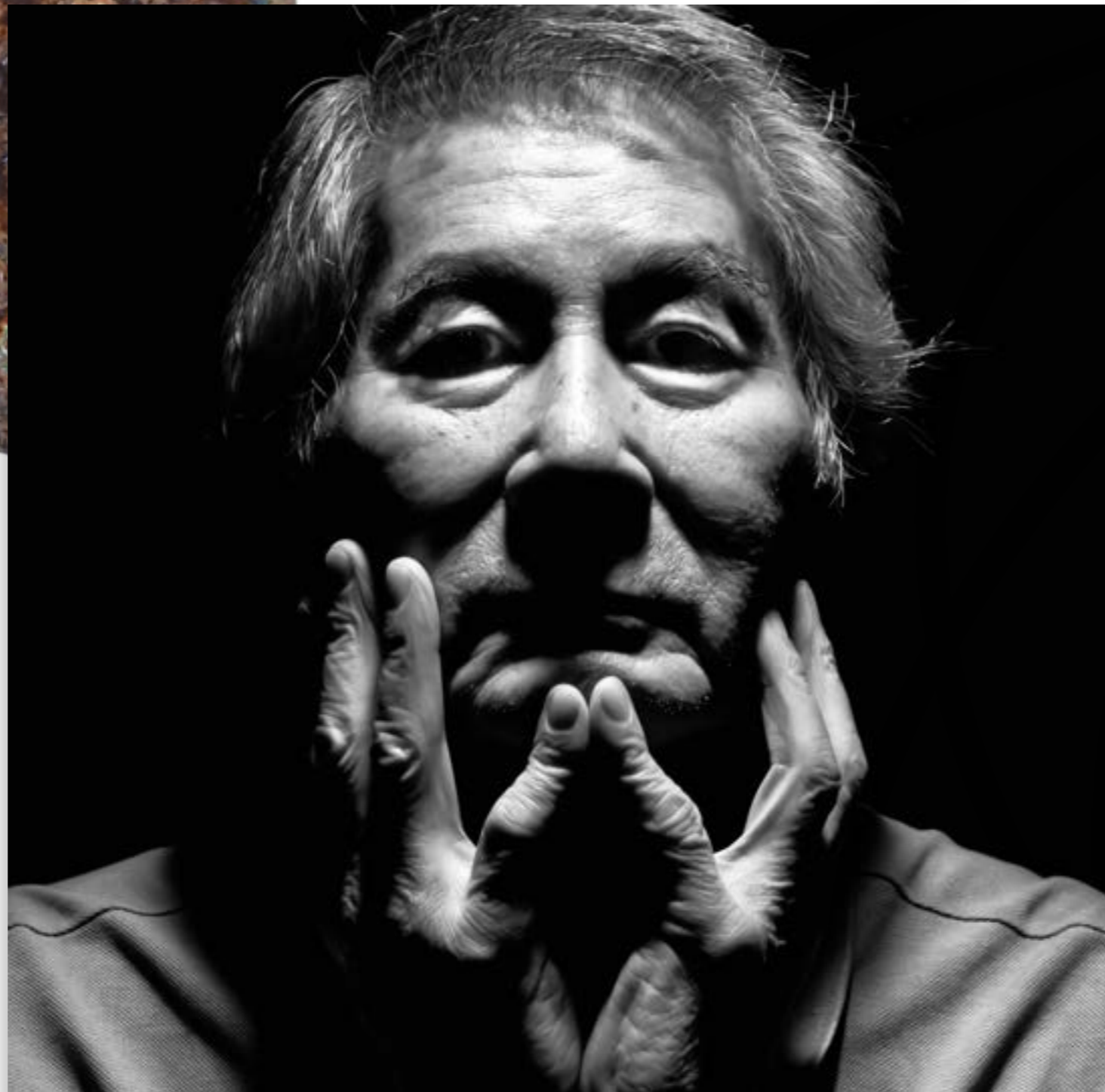
PÁG. 121





## MEGUMI YUASA

Megumi Yuasa (São Paulo SP 1938). É autodidata, iniciando-se nas artes plásticas em 1960. Em 1971, frequenta por seis meses a Escola Brasil, a convite de Luiz Paulo Baravelli. Pesquisa materiais e técnicas expondo esculturas e objetos em cerâmica no Brasil e exterior. Desde o início da carreira expõe seu trabalho assiduamente, dando preferência à mostras coletivas. Yuasa está sempre presente nas mostras de artistas nipo-brasileiros, assim como nas exposições comemorativas da imigração japonesa no Brasil. Em 1979 inicia atividades como professor de cerâmica, às quais se dedica até hoje, organizando cursos e oficinas de cerâmica. Entre 1981 a 1982 presta assessoria à Escola Senai Armando Arruda Sampaio. Em 1982 é convidado a ministrar um curso de cerâmica na Universidade Caxias do Sul. Em 1984 é convidado pelo Museu de Artes do Rio Grande do Sul - Margs, a ministrar o curso Observação da Realidade. Em 1988 recebe o Prêmio Escultura Associação Paulista dos Críticos de Arte - APCA. Em 1989, viaja a Lisboa (Portugal) para ministrar curso no Seminário de Cerâmica Brasileira em Lisboa (Portugal). Atualmente, além da cerâmica, utiliza em suas obras materiais como pedra e madeira.







**MEGUMI YUASA**  
*Árvore com Elefante*  
escultura em cerâmica esmaltada  
50 x 35 x 35 cm



**MEGUMI YUASA**  
*Árvore*  
escultura em cerâmica esmaltada  
35 x 25 x 25 cm



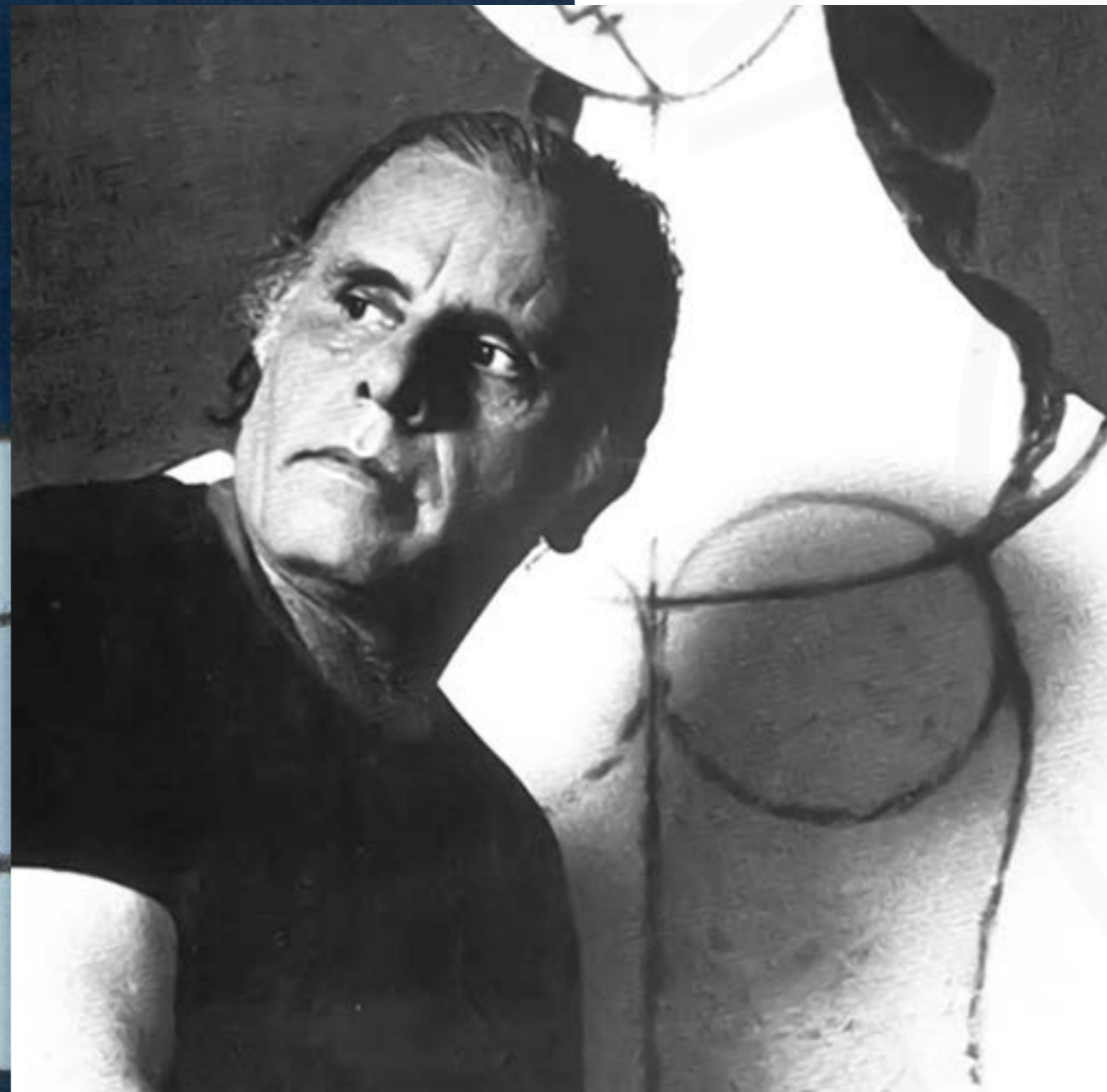
## MILTON DACOSTA

Milton Rodrigues da Costa (Niterói, RJ, 1915 - Rio de Janeiro, RJ, 1988). Dacosta constrói uma trajetória peculiar dentro da história da arte brasileira. Em cerca de 50 anos de produção, atinge sua maturidade artística em meados dos anos 1950, com telas abstratas de tendência construtiva, desenvolvidas com base no embate reflexivo e silencioso com alguns dos principais artistas e movimentos da arte moderna.<sup>1</sup>

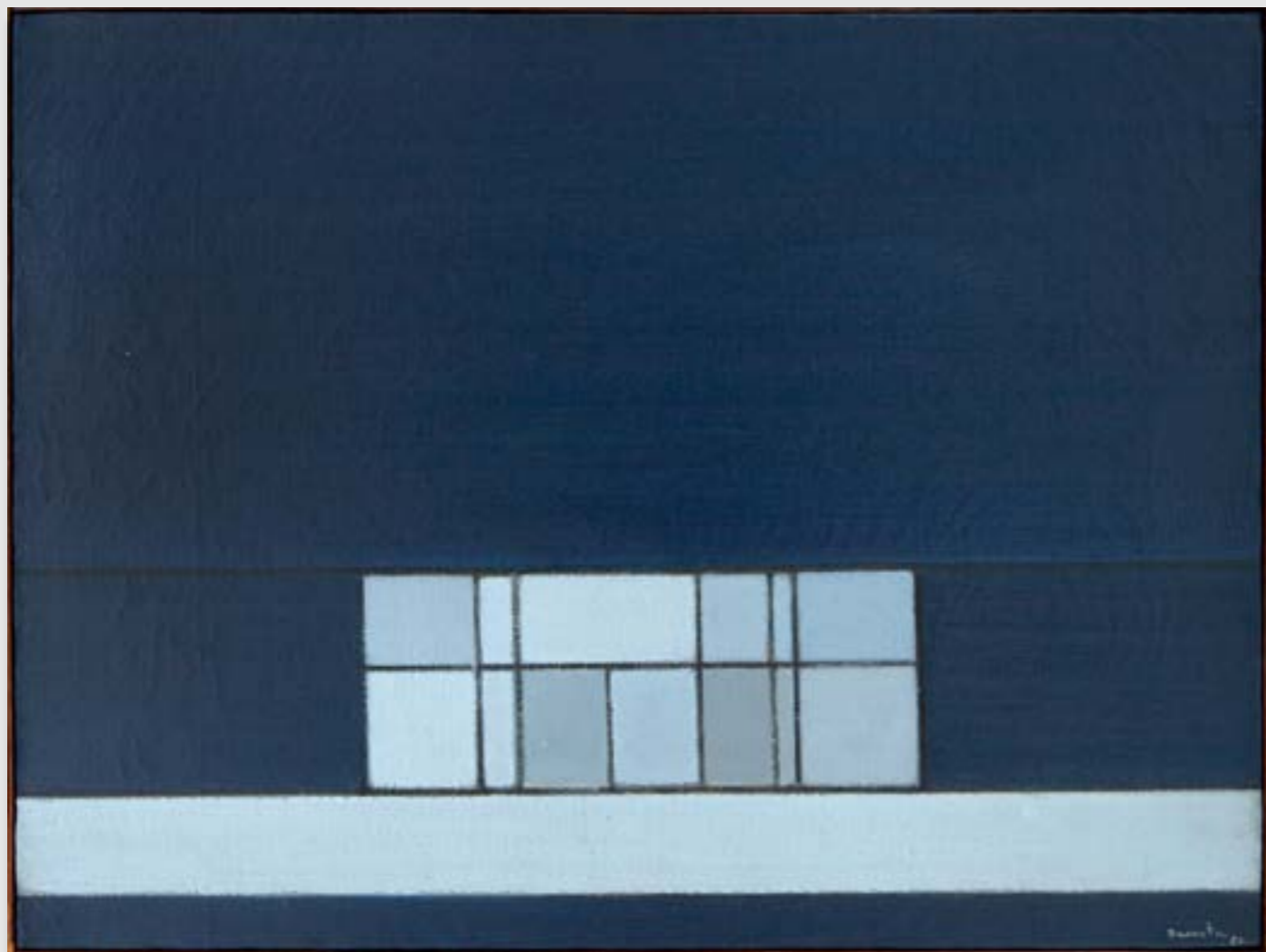
Seguindo sua vocação precoce, inicia-se em 1929 no desenho e na pintura no ateliê do professor alemão August Hantv, em Niterói, sua cidade natal. Em 1930 frequenta por três meses o curso livre de Marques Júnior na Escola Nacional de Belas Artes - Enba, Rio de Janeiro. Nessa época conhece Antônio Parreiras (1860-1937), com

quem não tem uma aprendizagem formal, mas visita seu ateliê e mostra os primeiros trabalhos que realiza. Interessa-se por uma pintura pós-impressionistas. Aos 16 anos, ajuda a fundar o Núcleo Bernardelli, conjunto independente de artistas instalados no porão da Enba, coordenados por Edson Motta.

A produção do artista nos anos 1930 se caracteriza pela aquisição dos princípios da pintura moderna, tendo como modelo a Escola de Paris. Paisagens, nus, marinhas, vistas urbanas, retratos, não importa muito o tema a ser pintado. O artista preocupa-se em adquirir, com disciplina sistemática, os elementos de tal pintura. Observa-se que sua produção não se preocupa com o detalhe pitoresco, a fixação de uma "brasilidade"; sua cor não é mais local. Ao contrário, autônoma, se afirma em pinceladas modulares e estruturais, numa incorporação natural de Paul Cézanne (1839-1906). Em 1944 recebe o prêmio de viagem ao exterior na Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes, partindo para Nova York no ano seguinte. Entre 1945 e 1946, Dacosta permanece no exterior, indo dos Estados Unidos diretamente para a Europa. Durante sua estada fora do Brasil não produziu muito. Regressa ao Brasil em 1947 e em 1949 casa-se com a pintora Maria Leontina.







**MILTON DACOSTA**  
*Composição Geométrica, 1956*  
óleo sobre tela  
30 x 40 cm  
assinatura inf. dir.

Ex-coleção Ernest Wolf.



**MILTON DACOSTA**  
*Pássaros, 1962*  
óleo sobre tela  
100 x 81 cm  
assinatura no verso



## MIRA SCHENDEL

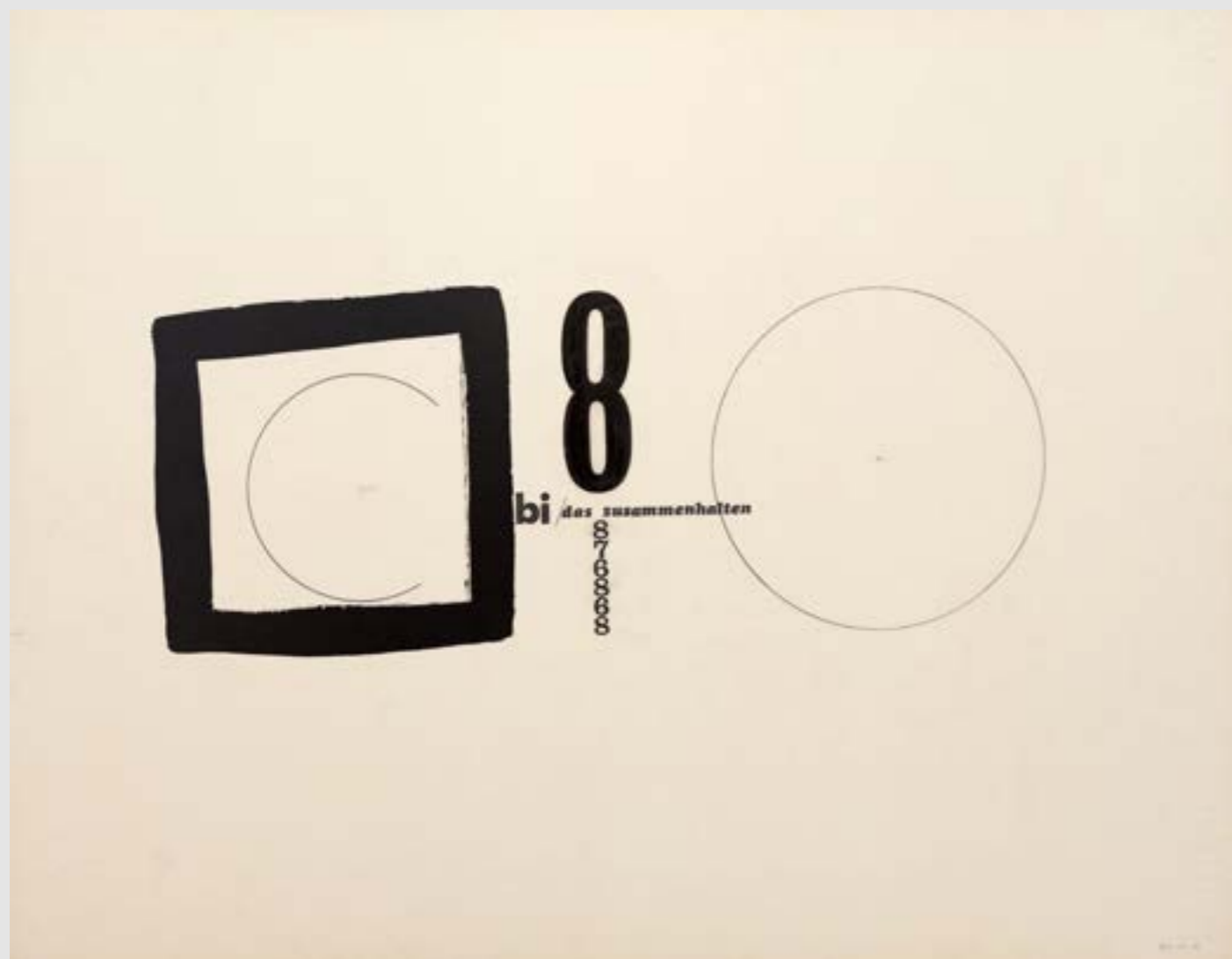
Mira Schendel (Zurique, Suíça, 1919 – São Paulo, São Paulo, 1988). A produção artística é constituída por séries de trabalhos, marcadas por experiências bastante diversas em relação ao formato, às dimensões, aos suportes escolhidos e à técnica adotada. Muda-se para Milão, na Itália, na década de 1930, onde estuda arte e filosofia. Abandona os estudos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Estabelece-se em Roma em 1946 e, em 1949, obtém permissão para se mudar para o Brasil. Em 1953, muda-se para São Paulo e adota o sobrenome Schendel. Sua linguagem pictórica se simplifica progressivamente em trabalhos que exploram o tratamento dado à superfície.

O obra de Mira Schendel explora os opostos do caos e da ordem, da sensorialidade e do racionalismo. De 1949 a 1964, Schendel trabalhou com pintura, passando no meio da década de 1960 às monotipias em papel japonês, cuja translucidez propicia a leitura em suas duas faces e que, prensadas entre placas de acrílico e penduradas do teto – os Objetos gráficos – libertam a obra da parede.

Quando dobra e amarra o papel japonês para fazer as Droguinhas, de 1964, Schendel confere a um plano quase transparente volume e textura: nós no plano do papel evidenciam o potencial de condensação do que é quase invisível. A poesia é traduzida em risco da letra; lê-se a frase e lê-se a materialidade do traço, em texto e textura.







**MIRA SCHENDEL**

*Sem título, 1971*

nanquim e letraset sobre fórmica

50 x 65 x 2 cm

assinatura inf. dir.

PÁG. 132



**MIRA SCHENDEL**

*Sem Título, 1978*

técnica mista sobre papel

40 x 29 cm

assinatura inf. dir.

PÁG. 133





## MIRIAN INÊS DA SILVA

Mirian Inês da Silva (Trindade, Goiás, 1937 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996). Sua produção se caracteriza por duas fases bastante distintas. A primeira, dedicada à xilogravura, apresenta uma estética soturna, enquanto a segunda, voltada para a pintura, é marcada pela presença do branco e das cores.

Nascida em Trindade, Goiás, estuda na Escola Goiana de Artes Plásticas. Em 1960, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde frequenta o curso de pintura de Ivan Serpa (1923-1973)<sup>1</sup>, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). Inicia a carreira como gravurista, produzindo xilogravuras que recebem reconhecimento da crítica e são expostas em duas Bienais Internacionais de São Paulo, em 1963 e 1967. No final da década de 1960, a artista abandona a xilogravura e passa a se dedicar à pintura, realizando a primeira exposição individual, em 1970. Sua produção é bem recebida no meio artístico, mas, a partir de certo momento, começa a ser identificada pela crítica como naïf. Em consequência disso, o trabalho da artista é colocado, por um longo período, à margem da história da arte brasileira.

Na pintura, os temas da artista são os aspectos da sociabilidade no meio rural e urbano, a cultura popular brasileira, a cultura de massas e as representações religiosas. Os temas religiosos, no entanto, muitas vezes se cruzam com a sensualidade em cenas que retratam trocas de olhares ou gestos impróprios, como o noivo que abraça a noiva, mas, ao mesmo tempo, toca o ombro da madrinha. Ao longo de 40 anos de atividade artística, Miriam Inês desenvolve uma produção que evidencia um humor malicioso e crítico, na qual é possível encontrar o prazer das celebrações, do amor, da alegria, mas também violência, opressão e conflito. Um trabalho singular e complexo, que retrata os conflitos micropolíticos do processo de modernização do Brasil.





Mirian Inês da Silva



**MIRIAN INÊS DA SILVA**  
*Sem Título, 1980*  
óleo sobre madeira  
41 x 31 cm  
assinatura inf. dir.





**MIRIAN INÊS DA SILVA**  
*Paulinho da Viola, 1981*  
óleo sobre madeira  
40 x 29 x 2 cm  
assinatura na peça



**MIRIAN INÊS DA SILVA**  
*Sem Título*  
óleo sobre madeira  
38 x 31 x 2,5 cm  
assinatura direita





## PAULO ROBERTO LEAL

Paulo Roberto Leal (Rio de Janeiro RJ 1946 - idem 1991). Desde o início da década de 1970, Paulo Roberto Leal produz obras em que explora as possibilidades plásticas do papel. Utiliza papéis kraft de embrulho, ou outros mais nobres, para criar estruturas de repetição ou variedade de módulos. Nessas obras, o artista destaca o caráter perecível e conceitual de sua proposta, que pode ser desfeita ou alterada a qualquer momento. Na série Armagens, apresenta papéis articulados, enrolados sinuosamente no interior de caixas acrílicas transparentes. Em seus trabalhos, mantém diálogo com a obra de Osmar Dillon, artista que trabalha com poemas visuais criados em caixas de acrílico, estabelecendo jogos entre palavras, formas e cores. Em séries como Desarmagens e Des-mov-em, percebe-se seu questionamento dos limites da pintura.

Ministra curso sobre criatividade com papel no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ e recebe prêmio na 11ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1971. No ano seguinte, integra, com Franz Weissmann e Humberto Espíndola, a representação brasileira na 36ª Bienal de Veneza. Por ocasião da mostra O Gesto Criador, Olívio Tavares de Araújo realiza filme sobre sua obra em 1977. Trabalha como curador do Museu de Valores do Banco Central até 1980. Em 1984, em parceria com Marcus de Lontra Costa e Sandra Magger, faz a curadoria da mostra Como Vai Você, Geração 80?, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage - EAV/Parque Lage, no Rio de Janeiro.





Paulo Roberto Leal



**PAULO ROBERTO LEAL**

*Armagem, caramelo e vermelho, 1974*

papel, colado à madeira em vidro acrílico

87 x 87 cm

assinatura no verso

Etiqueta da Vernissage Galeria de Arte. Etiqueta da  
Beurret & Bailly Auktionen Galerie Widmer.



## SÉRGIO CAMARGO

Considerado um dos mais originais artistas brasileiros ligados à vertente construtiva, destaca-se por explorar os limites da forma ao realizar cortes audaciosos nos materiais, em um procedimento por ele denominado “geometria empírica”.

Embora tenha contato com trabalhos da vertente construtiva desde o início da carreira, Sérgio Camargo desenvolve uma obra independente e pessoal, sem filiar-se a qualquer grupo ou movimento. Durante dois anos (1946-1948), estuda na Academia Altamira, em Buenos Aires, onde é orientado pelos artistas argentinos Emilio Pettoruti (1892-1971) e Lucio Fontana (1899-1968). Lá, interessa-se pelo construtivismo da Argentina. Parte para Paris em 1948, onde estuda a obra do escultor romeno Constantin Brancusi (1876-1957) e faz um curso de filosofia na Sorbonne. Nesse período, familiariza-se com as esculturas de Georges Vantongerloo (1886-1965) e Henri Laurens (1885-1954).

De volta ao Brasil, produz em 1954 suas primeiras esculturas figurativas de bronze, nas quais já se evidenciam a preocupação com o volume das obras e a potência dos cortes que ordenam as massas, qualidades fundamentais de seus trabalhos posteriores. Novamente em Paris (1961), frequenta o curso de sociologia da arte ministrado por Pierre Francastel (1905-1970), na École Pratique des Hautes Études, e faz experimentações com gesso, areia e tecido, criando estruturas informes e irregulares.

Mesmo orientada pelo princípio construtivo da coerência e da lucidez integrais, a obra de Camargo não abandona o páthos de aventura característico da lírica moderna, como também observa Ronaldo Brito.

Num período em que se acredita no esgotamento da inovação e no qual se defende a superação do legado moderno, Sérgio Camargo inaugura uma trajetória em que a relação conflituosa, mas sempre atenta, com uma tradição preexistente gera uma produção inovadora e singular.





Sérgio Camargo



**SÉRGIO CAMARGO**

*Canção do casal em 16 batidas, 1966*

relevo de madeira

51 x 60,3 x 1,9 cm

assinado

Certificado de autenticidade do Espólio de Sérgio Camargo  
assinado por Raquel Arnaud, nº 15633.





## SIRON FRANCO

Siron Franco (Goiás Velho, Goiás, 1947). Em uma produção artística de predominância pictórica, em que mescla ora num vocabulário surrealista, ora com abstrações ainda passíveis de identificação alegórica, comentários críticos sobre problemas sociais e personagens da cultura pop e do cerrado goiano.

Em 1974 recebe o prêmio de melhor pintor nacional na 12ª Bienal Nacional de São Paulo, participa também da 13ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1975, com 13 telas da série Fábulas do Horror. Nessa série, Siron desenvolve um vocabulário de representação do corpo humano que remete tanto a soluções do pintor irlandês Francis Bacon (1909-1992), como também do pintor modernista alemão Georg Grosz (1893-1959). Os corpos são inchados, volumosos, com deformações que não perdem a dimensão anatômica, mas adquirem uma condição de paródia ácida às figuras representadas com uma paleta terrosa, escura e com uma fatura de pigmentos como manchas aquosas e sedimentações arenosas.

A série mais conhecida do artista, e que desencadeia uma mudança paradigmática em sua produção, é o conjunto de obras ligadas ao acidente radioativo do Césio 137, em Goiânia, em setembro de 1987. Como resultado de seu estado de indignação, o artista produz telas, desenhos e esculturas já não mais tão teatrais e caricatos como sua produção da década de 1970, mas então próximos a algumas estratégias compositivas do pintor espanhol Antoni Tàpies (1923-2012), em que há uma economia de elementos de fundo e um destaque às pontuais imagens que funcionam como alegorias da tragédia radioativa, como silhuetas das vítimas, menções urbanísticas e arquitetônicas ao local da tragédia, e, principalmente, o uso do amarelo fosforescente em menção à letalidade da substância e da terra retirada diretamente do entorno da cidade de Goiânia.

O artista passa a elaborar monumentos e ações poético-críticas, transitando desde os tópicos das violações aos direitos civis até os problemas ecológicos e o genocídio histórico das comunidades indígenas.

Ainda que com predomínio da pintura em sua obra, a produção de Siron Franco tem uma variedade técnica e material bastante rica, coerente com seus temas, que seguem das crônicas do cotidiano à crítica às fissuras sociais, com enfoque considerável na contingência do entorno de Goiás, com sua população laboral e indígena.





Siron Franco - Foto: Sérgio Lima / UOL



**SIRON FRANCO**  
*Levitação*  
óleo sobre madeira  
60 x 70 cm  
assinatura inf. dir.





## TUNGA

Tunga (Palmares, Pernambuco, 1952 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016). Escultor, desenhista e artista performático. Torna os objetos utilizados em suas obras elementos de performance, criando analogias entre corpo e escultura. Muda-se para o Rio de Janeiro e, na década de 1970, inicia sua obra, que se aproxima da produção de artistas de diferentes vertentes da arte contemporânea brasileira, como Cildo Meireles (1948), Waltercio Caldas (1946) e José Resende (1945). A relação entre representação, linguagem e realidade, tema-chave para essa geração de artistas, está presente em muitos dos trabalhos do escultor. Neles, corpo e desejo tornam-se componentes ativos da investigação, na qual são incluídos itens de outras áreas de conhecimento, como literatura, filosofia, psicanálise, teatro, matemática, física e biologia.

Ao construir sua obra, Tunga opera no cruzamento entre objeto, performance e texto. Suas esculturas constroem narrativas, das quais os textos são componentes. Além disso, os objetos utilizados em performances figuram como agentes detonadores de processos. Mesmo em espaços expositivos, os objetos assumem dimensão performática, como resíduos ou dejetos de determinada ação deixados no ambiente. O artista chama esses objetos de “instaurações”, uma imbricação entre as categorias artísticas de “ação” – pertencente ao universo da performance e do teatro – e “instalação” – objetos montados em espaço expositivo –, de modo a incluí-los como parte da experiência artística.

A noção de sistema contínuo permite compreender que a dimensão simbólica dos objetos de Tunga não conduz à ideia de um todo uniforme, do qual cada peça individual é parte. Antes, cada peça, cada texto e cada ação remetem a uma produção contínua de formas e narrativas, que se prolongam sem princípio ou finalidade evidentes.

Os sistemas contínuos de Tunga têm uma origem: o espaço fantasmático entre corpo e psique. Esse espaço obedece a temporalidade e espacialidade singulares, dominadas por pulsões eróticas e combinações inconscientes.

Tunga é um dos primeiros artistas contemporâneos a expor no Museu do Louvre, Paris, com a obra *À Luz de Dois Mundos* (2005). Mais tarde, em 2012, inaugura espaço dedicado à sua produção, a Galeria Psicoativa, localizada no Instituto Inhotim, na cidade de Brumadinho, Minas Gerais. Suas obras integram importantes acervos de museus nacionais e internacionais.





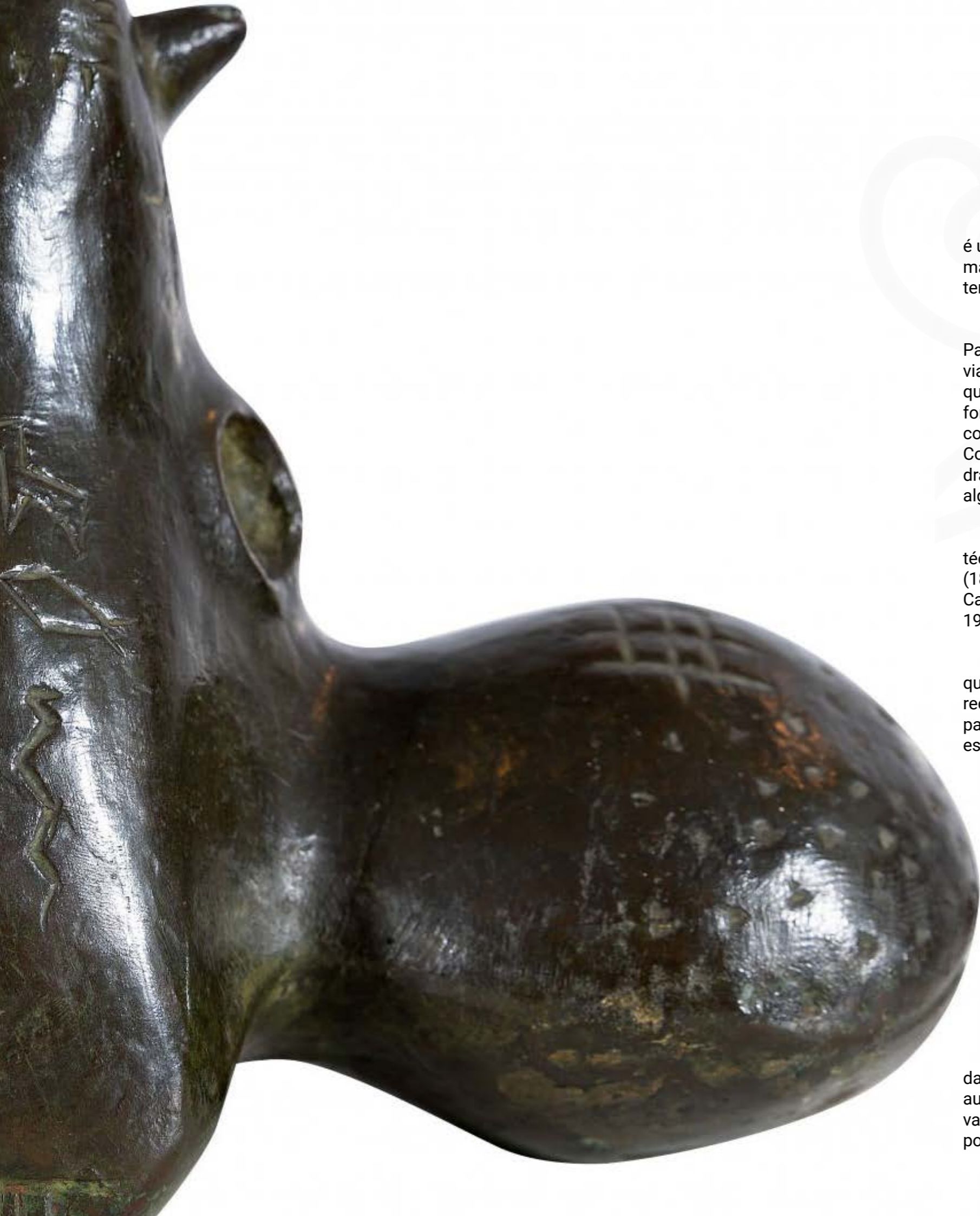
Tunga - Foto: Daniela Paoliello

**TUNGA**  
*Sem título (da série Em noite escura)*  
vidro fundido, borracha e imã  
60 x 53 x 46 cm



[SOLICITE SEU ORÇAMENTO](#)





## VICTOR BRECHERET

Victor Brecheret (Farnese, Itália, 1894 – São Paulo, Brasil, 1955). O artista é um dos precursores do movimento modernista brasileiro nas artes. Sua obra é marcada pela busca incessante de diferentes técnicas da escultura, do mármore à terracota, e de temas relevantes da cultura nacional.

Inicia sua formação artística em 1912, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (Laosp), onde estuda desenho, modelagem e entalhe em madeira. Em 1913, viaja para Roma e torna-se discípulo de Arturo Dazzi (1881-1966), escultor italiano que se destaca pelo gosto por figuras monumentais elaboradas com grande síntese formal. Em Roma, estuda atentamente as obras de Auguste Rodin (1840-1917), considerado o precursor da escultura moderna, e se aproxima de seu naturalismo. Conhece também o escultor croata Ivan Mestrovic (1883-1962), cuja linguagem dramática e heroica fascina Brecheret e o influencia. Ainda na Itália, participa de algumas mostras coletivas e recebe destaques da crítica.

Quando retorna a São Paulo, em 1919, já é um escultor com amplo domínio técnico. Improvisa um ateliê em espaço cedido pelo engenheiro Ramos de Azevedo (1851-1928) no Palácio das Indústrias. É descoberto por modernistas como Di Cavalcanti (1897-1976), Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), que passam a divulgar sua obra.

Em 1920 o escultor realiza a maquete para o Monumento às Bandeiras, no qual evoca a saga dos bandeirantes na conquista de novas terras. No ano seguinte, recebe bolsa de estudo do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo e viaja para Paris. Embora ausente, participa da Semana de Arte Moderna de 1922 com 12 esculturas de diferentes dimensões e materiais.

Em 1936, depois de tantos anos alternando sua estada entre França e Brasil, Victor Brecheret fixa-se em São Paulo, onde recebe encomendas de esculturas públicas e também de trabalhos com temas religiosos. Retoma o projeto do Monumento às Bandeiras, concluído apenas em 1953.

A partir da década de 1940, o artista se aproxima dos temas ligados à cultura indígena, em esculturas realizadas em bronze ou terracota. Nessa fase, em que alcança o ponto alto de sua carreira, também trabalha com pedras de formas circulares, nas quais interfere realizando suaves incisões.

Em Índio e Suassuapara (1951), o artista parte de dois volumes que se aglutinam e trabalha superfícies vazias ou cheias, nas quais se inserem incisões.

Variando entre a intensa dramaticidade de corpos e rostos e a simplicidade das formas, Victor Brecheret contribui para a constituição de uma arte autenticamente brasileira, ainda que com influências externas importantes. Sua obra vasta e diversificada tecnicamente revela uma história nacional, cuja identidade poética se traduz em um caráter de síntese formal e requintada simplicidade.





Victor Brecheret



**VICTOR BRECHERET**

*O Índio e a Suassuapara - Série Marajoara, 1951*

escultura em bronze

18 x 24 x 24 cm

assinatura na peça

Prêmio Bienal de São Paulo.





## WESLEY DUKE LEE

Wesley Duke Lee (São Paulo, São Paulo, 1931 – Idem, 2010). Desenhista, gravador, artista gráfico, professor. O artista destaca-se como pioneiro na incorporação dos temas e da linguagem pop no Brasil.

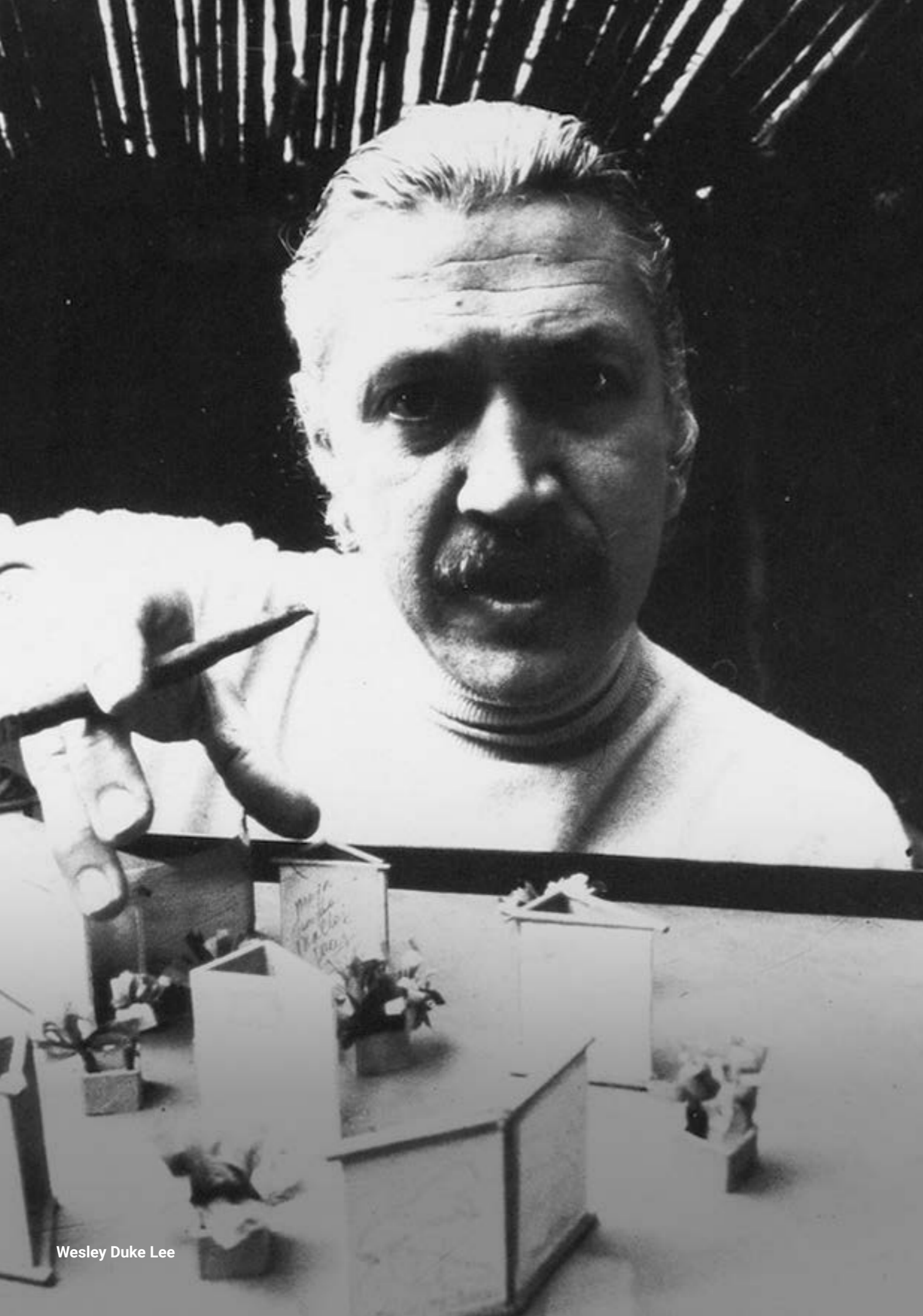
Vanguardista, Wesley Duke Lee contribui para o universo das artes plásticas por meio de mídias distintas e cruza fronteiras trazendo informações novas para o público brasileiro. O artista é um dos responsáveis centrais pela divulgação da linguagem pop no nosso país.

No ano seguinte, viaja para os Estados Unidos e estuda na Parson's School of Design e no American Institute of Graphic Arts, em Nova York, até 1955. Nessa época, acompanha as primeiras manifestações da arte pop e vê trabalhos dos artistas estadunidenses Robert Rauschenberg (1925-2008), Jasper Johns (1930) e Cy Twombly (1928-2011).

No Brasil, em 1957, deixa a publicidade e torna-se aluno do pintor italiano Karl Plattner (1919-1989), com quem trabalha em São Paulo e, posteriormente, na Itália e na Áustria, até 1960. Nessa época, vive também em Paris e frequenta a Académie de la Grande Chaumière e o ateliê do gravurista germano-francês Johnny Friedlaender (1912-1992). Retorna ao Brasil em 1960. Em 1966, com artistas como Nelson Leirner (1932-2020), Geraldo de Barros (1923-1998) e José Resende, funda, como reação ao mercado de arte, o Grupo Rex, que existe até 1967.

Em 1969, mora na Califórnia, onde tem experiências com novas tecnologias e leciona na Universidade do Sul da Califórnia, em Irvine. Durante a década de 1970, lida com outras tradições, como a cartografia, a caligrafia oriental e os desenhos de botânica.





Wesley Duke Lee



**WESLEY DUKE LEE**

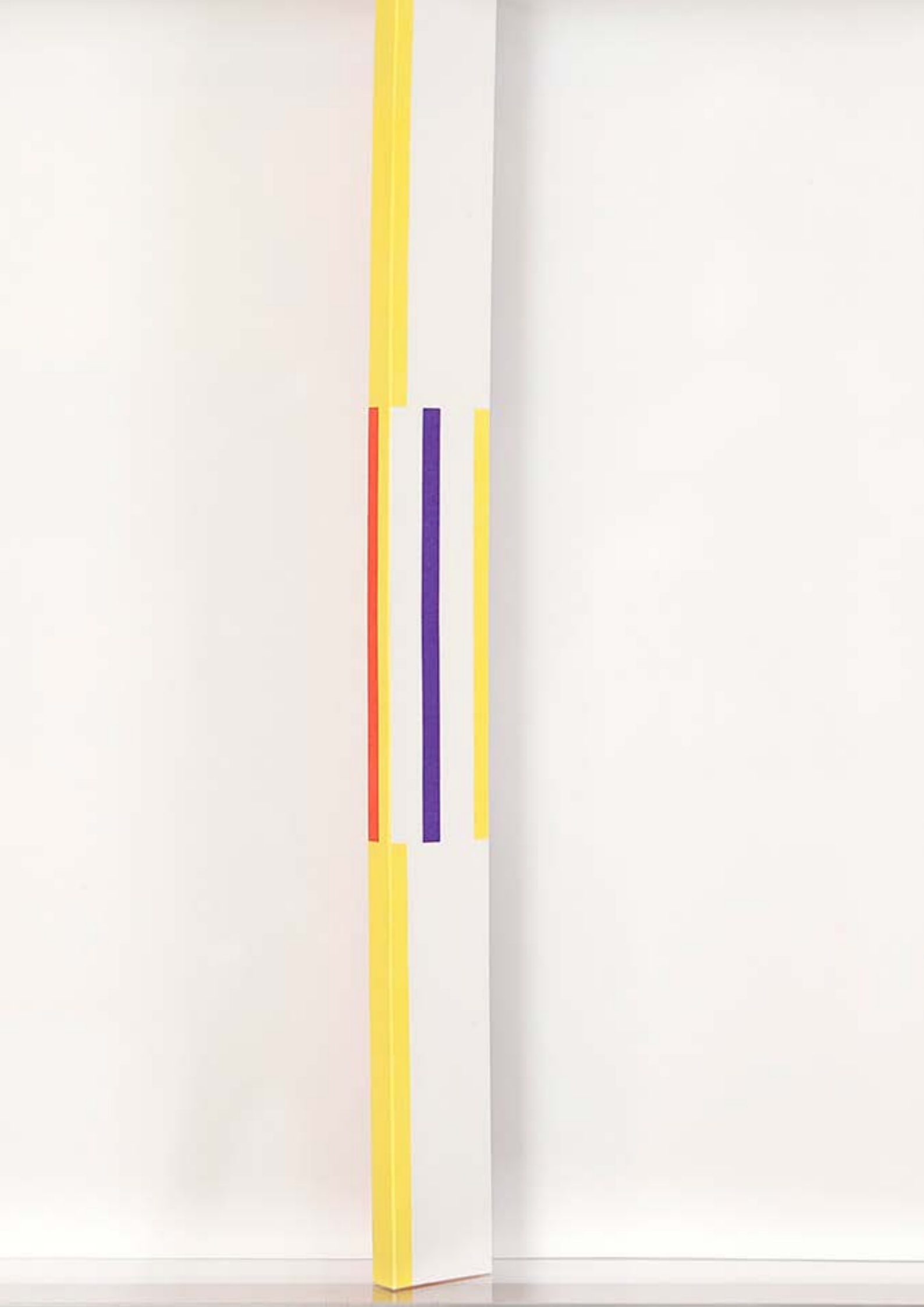
*Retrato*

óleo sobre tela montado com acrílico

185 x 120 cm

assinado





## WILLYS DE CASTRO

Willys de Castro (Uberlândia MG 1926 - São Paulo SP 1988). Pintor, gravador, desenhista, cenógrafo, figurinista, artista gráfico. Muda-se para São Paulo em 1941, onde estuda desenho com André Fort.

Willys realiza suas primeiras pinturas no fim da década de 1940 e, a partir de 1950, trabalha com abstração geométrica. Em 1954, funda com o artista Hércules Barsotti (1914) o Estúdio de Projetos Gráficos, no qual trabalha até 1964. Dedicase à programação visual e a projetos de padronagens para tecidos. Nas décadas de 1950 e 1960 trabalha também na confecção de cenários e figurinos para teatro. A produção do artista, na segunda metade da década de 1950, relaciona-se à dos artistas do movimento concreto. Denomina suas obras simplesmente de Pinturas, numerando-as ou indicando tratar-se de segunda ou terceira versão. Trabalha com um número deliberadamente restrito de questões: equilíbrio, tensionamento e instabilidade.

Willys de Castro explora sutilíssimas relações entre forma, cor, espaço e tempo. É um dos mais notáveis participantes do movimento neoconcreto e destaca-se por pesquisas que o levaram a ser um dos pioneiros a romper com a utilização da superfície bidimensional da tela como suporte para a linguagem pictórica. Os Objetos Ativos, para o crítico de arte Frederico Moraes, são a sua maior contribuição à arte construtiva brasileira.





**WILLYS DE CASTRO**

*Estudo para composição VI: distribuição rítmica sobre um sistema modulado, 1953*

guache sobre papel

20,5 x 24,5 cm

Participou da exposição "Willys de Castro", na Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012.





**WILLYS DE CASTRO**

*Pluri-objeto, 1980/88*

latão e cobre  
100 x 11 x 13 cm  
assinatura no verso

Reproduzido no livro "Willys de Castro"  
de Roberto Conduru, Cosacnaify, 2005, na  
pág. 143. Tiragem de 10 exemplares.

PÁG. 168



**WILLYS DE CASTRO**

*Objeto Ativo*

litografia sobre papel schoeller dobrado  
27 x 27 x 3 cm  
assinatura no verso

PÁG. 169



# CONTATO

## **TELEFONES**

(11) 3064-7575 ou (11) 3578-5919  
whatsapp - (11) 93276-1259

## **E-MAIL**

[galeriafrente@galeriafrente.com.br](mailto:galeriafrente@galeriafrente.com.br)

## **SITE**

[www.galeriafrente.com.br](http://www.galeriafrente.com.br)

## **INSTAGRAM**

[www.instagram.com/galeriafrente](http://www.instagram.com/galeriafrente)

## **FACEBOOK**

[www.facebook.com/galeriafrente](http://www.facebook.com/galeriafrente)

## **HORÁRIO DE ATENDIMENTO**

Segunda a Sexta das 09:00 às 19:00  
Sábado das 10:00 às 14:00

## **GALERIA FRENTE**

R. Dr. Melo Alves, 400  
Cerqueira Cesar - São Paulo / SP  
CEP 01417-010